

Experiências Mediúnicas e Eventos de Morte

Em sua Relação com
Fenômenos de Assombração



Ernesto Bozzano

ERNESTO BOZZANO

**EXPERIÊNCIAS MEDIÚNICAS E EVENTOS DE MORTE EM SUA
RELAÇÃO COM FENÔMENOS DE ASSOMBRAÇÃO**

Lançamento original:

Ernesto Bozzano - Esperienze medianiche ed eventi di morte nei loro rapporti coi fenomeni d'infestazione

Istituto di Studi Psicici

Via Monforte, 4

Milano – 1935

Tradução: Fabiana Rangel

Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada

© 2022

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita
Autores Espíritas Clássicos



ERNESTO BOZZANO

EXPERIÊNCIAS MEDIÚNICAS E EVENTOS DE MORTE

**EM SUA RELAÇÃO COM FENÔMENOS DE
ASSOMBRAÇÃO**

MILÃO

Istituto di Studi Psicici

1935



ERNESTO BOZZANO (1862 - 1943)

Nascido em Gênova, Itália, no ano de 1861, e desencarnado na mesma cidade, no dia 7 de julho de 1943.

Trabalhando catorze horas diárias, durante cinquenta e dois anos; um estudo profundo que, se enfeixado num livro de tamanho médio resultaria num volume de 15.000 páginas; prolongadas e meticulosas pesquisas com o valioso concurso de 76 médiuns; nove monografias inconclusas, essa a folha de serviço de um dos mais eruditos pensadores e cientistas italianos. Seu nome: Ernesto Bozzano.

Cumpra aqui registrar também que Bozzano, com apenas 16 anos de idade, já se interessava por temas abrangendo assuntos filosóficos, psicológicos, astronômicos, ciências naturais e paleontológicos. Além disso, desde a sua juventude, sentia inusitada atração para os problemas da personalidade humana,

principalmente os que conduziam às causas dos sofrimentos, a finalidade e a razão da vida humana.

Numa época quando o Positivismo de Augusto Comte empolgava muitas consciências, Bozzano passou a engrossar suas fileiras, demonstrando nítida inclinação por todos os ramos do saber humano e entregando-se, resolutamente, ao estudo das obras dos grandes filósofos de todas as épocas. Dos postulados positivistas gravitou para uma forma intransigente de materialismo, o que o levou a proclamar, mais tarde: Fui um positivista-materialista a tal ponto convencido, que me parecia impossível pudessem existir pessoas cultas, dotadas normalmente de sentido comum, que pudessem crer na existência e sobrevivência da alma.

Nos idos de 1891, recebeu do professor Ribot, diretor da Revista Filosófica, a informação sobre o lançamento da revista Anais das Ciências Psíquicas, dirigida pelo Dr. Darieux, sob a égide de Charles Richet. A sua opinião inicial sobre essa publicação foi a pior possível, dada a circunstância de considerar verdadeiro escândalo o fato de representantes da Ciência oficial levarem a sério a possibilidade da transmissão do pensamento entre pessoas que vivem em continentes diferentes, a aparição de fantasmas e a existência das chamadas casas mal-assombradas.

Nessa mesma época, o professor Rosenbach, de S. Petersburgo (atual Leningrado), publicou violento artigo na "Revista Filosófica", situando-se numa posição antagônica à introdução desse novo misticismo no domínio da psicologia oficial. Na edição subsequente, o Dr. Charles Richet refutou, ponto por ponto, as afirmações de Rosenbach, as quais reputavam errôneas, mostrando em seguida as suas conclusões lógicas sobre a matéria. Esse artigo do sábio francês teve o mérito de diminuir as dúvidas de Bozzano.

Os últimos resquícios dessa dúvida foram completamente

destruídos na mente de Bozzano, quando ele leu o livro "Fantasmas dos Vivos", de autoria de Gurney, Podmore e Myers. As dúvidas que alimentava sobre os fenômenos telepáticos foram assim completamente eliminadas. Dali por diante dedicou-se, com afincamento e verdadeiro fervor, ao estudo aprofundado dos fenômenos espíritas, fazendo-o através das obras de Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Paul Gibier, William Crookes, Russel Wallace, Du Prel, Alexandre Aksakof e outros.

Como medida inicial para um estudo mais profundo, Bozzano organizou um grupo experimental, do qual participaram o Dr. Giuseppe Venzano, Luigi Vassallo e os professores Enrique Morselli e Francisco Porro, da Universidade de Gênova.

No decurso de cinco anos consecutivos, graças ao intenso trabalho desenvolvido, esse pequeno grupo propiciou vasto material à imprensa italiana e, ultrapassando as fronteiras da península, chegou a vários países, pois, praticamente havia-se obtido a realização de quase todos os fenômenos, culminando com a materialização de seis Espíritos, de forma bastante visível, e com a mais rígida comprovação.

O seu primeiro artigo intitulou-se "Espiritualismo e Crítica Científica", porém, o sábio levou cerca de nove anos estudando, comparando e analisando, antes de publicar as suas idéias. Polemista de vastos recursos, sustentou quatro acérrimas e importantes polêmicas com detratores do Espiritismo. A fim de pulverizar uma obra de ataque, publicada na época, fez editar um livro de duzentas páginas, o qual levou o título "Em Defesa do Espiritismo."

A primeira obra por ele publicada, com o fito de sustentar a tese espírita foi a "Hipótese Espírita e a Teoria Científica", à qual se seguiram outras não menos importantes: "Dos Casos de Identificação Espírita", "Dos Fenômenos Premonitórios" e "A Primeira

Manifestação de Voz-Direta na Itália".

As seguintes obras de Bozzano foram vertidas para o português: "Animismo ou Espiritismo", "Pensamento e Vontade", "Os Enigmas da Psicometria", "Metapsíquica Humana", "A Crise da Morte", "Xenoglossia" e "Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte".

O seu devotamento ao trabalho fez com que o grande sábio italiano se tornasse, de direito e de fato, um dos mais salientes pesquisadores dos fenômenos espíritas, impondo-se pela projeção do seu nome e pelo acendrado amor que dedicou à causa que havia esposado e que havia defendido com todas as forças de sua convicção inabalável.

Um fato novo veio contribuir para robustecer a sua crença no Espiritismo. A desencarnação de sua mãe, em julho de 1912, serviu de ponte para a demonstração da sobrevivência da alma. Bozzano realizava nessa época sessões semanais com um reduzido grupo de amigos e com a participação de famosa médium. Realizando uma sessão na data em que se comemorava o transcurso do primeiro aniversário de desencarnação de sua genitora, a médium escreveu umas palavras num pedaço de papel, as quais, depois de lidas por Bozzano o deixaram assombrado. Ali estavam escritos os dois últimos versos do epitáfio que naquele mesmo dia ele havia deixado no túmulo de sua mãe.

Durante os anos de 1906 a 1939, Bozzano colaborou intensamente na revista espírita "Luce e Ombra", escrevendo também centenas de artigos para as revistas do gênero, que se publicavam na Itália, França, Inglaterra e outros países.

Paulo Alves de Godoy e Antonio de Souza Lucena - Personagens do Espiritismo

Sumário

Prefácio (Jorge Hessen) — *pág. 09*

Introdução — *pág. 11*

CASO I — *pág. 14*

CASO II — *pág. 22*

CASO III — *pág. 28*

CASO IV — *pág. 37*

CASO V — *pág. 44*

CASO VI — *pág. 50*

CASO VII — *pág. 58*

CASO VIII — *pág. 65*

CASO IX — *pág. 70*

Conclusão — *pág. 77*

Prefácio

O grande Ernesto Bozzano demonstrou com base em fatos que os fenômenos de “assombração” são da mesma natureza que os que se obtêm nas sessões mediúnicas. Portanto, comprova a existência de uma relação direta entre os fenômenos de “assombração” e as experiências das sessões mediúnicas, com a consequência teórica da investigação abraçada.

Segundo observou, na “assombração” os mortos fornecem ótimas provas de identificação sob métodos investigativos e de classificação científica. Deste modo, não há dúvida de que os reagrupamentos dos fatos de diferentes tipos de fenômenos, convergem para a demonstração de que os fenômenos de “assombração” e os mediúnicos eram transformáveis, convertíveis, reversíveis uns nos outros.

Bozzano em alguns momentos se limitou a citar os poucos episódios da monografia, que representam cinco grupos específicos de manifestações “sobrenaturais”, demonstrando, assim, a existência indubitável de uma relação direta entre os fenômenos de “assombração” e as manifestações mediúnicas experimentais. Compreendendo, portanto, que tal demonstração pode ser considerada provada cientificamente, com as consequências teóricas que dela derivam. Resultando, pois, a favor da interpretação espiritualista da grande maioria dos fenômenos investigados, tanto mediúnicos quanto de “assombração”.

Ernesto Bozzano ficou muito satisfeito com as pesquisas (“assombração” e os laços da mediunidade), embora ciente que surgiria os pesquisadores metapsiquistas que fariam objeções,

respaldados nos animismos inexplicáveis poucos corretos, insidiosos e anticientíficos.

São Paulo, 22 de janeiro de 2022

Jorge Hessen

Introdução

Nesta monografia de Ernesto Bozzano vem experimentalmente demonstrado, pela primeira vez, com base em fatos, que os fenômenos de assombração em questão são da mesma natureza que os que se obtêm nas sessões mediúnicas, e isso no sentido de que há casos de manifestações mediúnicas experimentais que se transformam em fenômenos de assombração. Há outros casos em que acontece o contrário, onde os fenômenos de assombração se transformam em manifestações mediúnicas experimentais e há outros ainda em que os fenômenos de assombração cessam para sempre após uma sessão mediúnica convocada para esta finalidade no ambiente assombrado, ou cessam após o cumprimento atrasado de uma promessa feita no leito de morte e não cumprida, ou irrompem de repente nos ambientes onde recentemente fora consumados um delito ou um suicídio.

Trata-se, então, de episódios que se revestem de notabilíssimo valor sugestivo, porque demonstram a existência indubitável de uma relação direta entre os fenômenos de assombração e as experiências mediúnicas, com a consequência teórica que dali deriva; relação ulteriormente convalidada por uma outra classe de episódios afins: a das manifestações de mortos pouco depois de sua morte, quando se manifestam por modalidade análoga aos fenômenos de assombração.

Ora, se a tudo isso se acrescenta que muito frequentemente nas manifestações do gênero acontece a intervenção de mortos que fornecem ótimas provas de identificação, ou mesmo de mortos que aparecem em forma e são reconhecidos, sobretudo, quando afirmam atraso considerável quanto à idade regular de matrícula os autores

dos fenômenos, demonstram-no com fatos, no sentido de que prometem não recomeçar, mantendo a palavra dada. Ora, repito, se se acrescentam também esses dados às circunstâncias de manifestação acima enumeradas, deve-se convir que este terceiro capítulo leva uma contribuição notabilíssima à tese aqui proposta, qual seja, a demonstração científica da sobrevivência humana, longe de depender exclusivamente de informações pessoais fornecidas pelos mortos comunicantes. Ao invés disso, é convalidada por um acúmulo imponente de provas variadas que convergem como ao centro, na direção da demonstração de tal comprovação da verdade, a qual, por ser intuída e compartilhada por todos os povos da Terra, resulta a mais combatida pela grande maioria dos homens de ciência.

* * *

Os casos do tipo acima são bastante numerosos, mas, infelizmente para quem empreende por uma investigação, os relatos raramente observam sua importância teórica, que se limita a mencionar de passagem, em trabalhos com outros fins, resultando que a maioria desses episódios são reduzidos a pouco mais do que meras alusões anedóticas, as quais não são suscetíveis de serem consideradas em uma classificação científica; o que é mais lamentável, pois se tem quase sempre a impressão de que são alusões a episódios autênticos.

Por outro lado, do ponto de vista do presente trabalho, os casos desta natureza, que são relatados com uma amplitude de particularidades, têm o problema oposto, qual seja, que os relatos em que eles estão contidos são demasiado longos para que se possa relatá-los completamente. Por isso, vou ter de me limitar a resumí-los, apenas informando sobre as peças essenciais e remetendo às obras que contenham as narrativas integrais.

Refiro-me de antemão a alguns exemplos de experiências

mediúnicas que se transformam em fenômenos de "Poltergeist".

Caso I

Eu o extraio da revista *Psychic Science* (1926, p 6-16.). O caso foi enviado por Sir Conan Doyle ao diretor da revista mencionada - Mr. Hewatt Mackenzie - que informa estar em correspondência com a mulher nobre relatora e testemunha dos fatos, a Sra Phillis Iorque. Por razões compreensíveis, estão alterados os nomes dos protagonistas, e não se nomina a localidade da Cornovaglia onde os eventos ocorreram. A relatora expõe:

"Nenhum dos protagonistas dos eventos a que eu estou me referindo possuía cognições metapsíquicas e nossas experiências foram iniciadas no ano de 1917 por puro divertimento.

"Um de nós tinha comprado uma prancheta", tendo em mente ser um brinquedo utilizado para diversão... Quatro anos mais tarde, deixamos a casa onde ocorreram os fatos e naquele tempo eu tinha esquecido totalmente a "prancheta", mas me lembrei da noite de 27 de janeiro de 1925, quando estavam hospedados em nossa casa vários amigos... Procuramos diverti-los com esse brinquedo, e depois de várias tentativas onde não tínhamos mais do que rabiscos, observamos que se o conde Colmonti e a sra. Hastings colocavam as mãos sobre a "prancheta", a escrita tornava-se legível...

Começaram a ser ditadas mensagens interessantes, mas estávamos todos incrédulos e acusávamos uns aos outros de mistificação... De todo modo, foi perguntado quem era a entidade comunicante, e foi respondido: "Ernest Tonkin", que afirmava ter vivido no século XVII, ter sido assassinado por seu irmão Robert, em uma das casas das redondezas de P., a cinco milhas de nossa casa, e ter sido enterrado na cozinha da mesma casa, sob um chão de pedra...

"No dia seguinte, o conde, a condessa e minha irmã Pamela foram para P. e obtiveram do proprietário a permissão para visitar a casa em questão, que na época não estava alugada e estava em reparo.

"Eles encontraram na casa apenas um pintor. Eles foram para a cozinha, verificaram que a sua localização correspondia exatamente ao esboço que tinha traçado a "prancheta" e que o piso era realmente feito de placas de pedra. A condessa se colocou de pé sobre a placa designada com uma cruz pela entidade comunicante... Voltando para casa, retomaram as experiências com a "prancheta", e logo "Tonkin" anunciou que seus ossos jaziam sob a placa em que a condessa tinha posto os pés...

"Nós perguntamos, então, por que tantas famílias ficaram com medo de viver naquela casa. Ele respondeu: - Por que faço objetos desaparecerem. - Perguntamos novamente que tipo de objetos ele fazia desaparecer. Ele respondeu: - Os objetos de ouro. - Alguém disse: - Se for assim, faça algo desaparecer aqui com a gente também. - Imediatamente veio a resposta: - Eu fiz isso: a cigarreira de ouro desapareceu.

"O conde, um momento antes, tinha apresentado a cigarreira de ouro, oferecendo cigarros; Depois disso, ele a tinha colocado na calça, no bolso de trás... Ele imediatamente levou a mão no bolso e descobriu que a cigarreira realmente desapareceu. Nós todos nos admiramos e perguntamos à entidade onde ela a tinha escondido. Ela respondeu: - Acima de uma prateleira de seu quarto. - Acreditando que ele tinha aludido ao quarto do conde, este foi lá, mas depois de uma busca intensa, nada foi encontrado. Ele correu para o quarto da condessa e, depois de muita procura, descobriu-se a cigarreira deposta dentro de uma caixa, em uma prateleira onde é preciso subir em uma cadeira para alcançá-la. Nenhum de nós tinha saído do quarto no momento em que o conde tinha usado sua cigarreira e por

isso não se poderia cogitar explicações naturais do fato...

Este é o primeiro fenômeno sobrenatural de "desaparecimento" de objetos; após o qual eles perceberam muitos outros. Até o momento, nada realmente "assombroso"; mas ele não demorou muito para manifestar um companheiro "Tonkin", que tem o nome de "Sam, o marinheiro", náufrago, que se afogou nas costas dinamarquesas; beberrão inveterado. A partir desse momento, as duas personalidades mediúnicas começaram uma série de fenômenos "poltergeist" e não apenas durante a sessão, mas a qualquer hora do dia ou da noite. Ruídos de todos os tipos, estrondos, martelar, passos pesados na escada ou retumbantes nos sótãos; apitos, transporte de objetos, apagar de velas nas mãos daqueles que as levavam ou em seus quartos, quando iam para a cama. Se se perguntasse a "prancheta" quem eram os culpados de tantas brincadeiras, a "prancheta" francamente respondeu: "Sam, o marinheiro, ajudado por Ernest Tonkin".

Mas as brincadeiras não tardaram a se agravar, tornando-se perigosas. Entre outras coisas, foram removidos os freios de segurança das rodas do carro e foi um milagre não ter acontecido uma catástrofe.

A relatora continua assim:

"Uma noite, às 11h35min, quando todos se encontravam na cama e as luzes tinham se apagado, começou um forte martelar metálico nas paredes e no sótão. Minha irmã se levantou, observando: 'Esse é o barulho que ouvimos antes, eu e a condessa'".

"Enquanto falava assim, o martelar cresceu imensamente e logo depois se ouviu a voz do conde chamando por ajuda em seu quarto. O martelar era ensurdecedor, e o conde chamou mais uma vez com um tom assustadíssimo. Minha irmã saltou da cama e correu para a porta do conde, encontrando-se ali com a condessa que corria,

gritando ao conde que se acalmasse. Eu também percebi e cheguei quando tinham quebrado a fechadura, já que o conde tinha fechado a porta por dentro. Encontramos o conde apavorado por algo que tinha visto, mas que não conseguimos compreender bem o que seria. Transportamo-lo até o quarto de sua mulher e o colocamos na cama, dando-lhe de beber um gole generoso de "brandy". Quando recuperou um pouco a energia, contou que enquanto estava em sua cama lendo à luz de uma lâmpada e de uma vela, ambas se apagaram simultaneamente. Ele logo pegou uma lanterna embaixo do travesseiro, mas viu que a bateria não estava funcionando. Olhou em volta e viu três fantasmas, com a cabeça envolvida em algo branco e que avançavam em sua direção. Foi então que gritou por ajuda, ao mesmo tempo cobrindo a cabeça com o lençol. Mas mal abriu os olhos, viu através do lençol a sombra dos três fantasmas imóveis a sua frente. Desceu da cama golpeando às cegas, mas seus joelhos bateram contra a cômoda. Foi nesse instante que entramos no quarto, encontrando tudo de cabeça pra baixo. Nenhum móvel estava no lugar e o conteúdo da cômoda estava jogado no chão. A mesa da penteadeira foi contra a porta, quase a bloqueando, e percebemos que se tivéssemos tardado um minuto, o móvel teria barrado a porta, impedindo a entrada... Ninguém tinha ouvido o barulho do deslocamento dos móveis, talvez devido ao martelar metálico ensurdecedor e ininterrupto na parede...

"Quando desceu as escadas para fugir, recomeçou ainda mais potente o martelar e o barulho dos passos pesados no sótão. Apertamos o passo e saímos pela abertura, fechando a porta à chave. Mesmo de fora se ouvia o martelar estrondoso nas paredes..."

O conde Colmonti era católico romano; e se apressaram em chamar um padre para exorcizar a casa. Depois do exorcismo, cessaram os fenômenos de assombração para sempre, o que, no caso especial, não

oferece valor sugestivo, enquanto é muito racional inferir que os fenômenos cessaram porque os experimentadores renunciaram para sempre a se reunirem em sessão, separando-se imediatamente, voltando cada um a sua casa, destruindo a "prancheta" e apagando as mensagens mediúnicas.

Esses são os resultados obtidos de uma experiência com a "prancheta", iniciada a título de puro lazer da noite. Dir-se-ia que a despreocupação dos participantes, combinada ao fato de que entre eles existiam pessoas dotadas de faculdade mediúnica, abriu caminho para as entidades espirituais que, por lei de afinidade, eram, entretanto, despreocupadas e desejosas de se divertirem à custa de quem os houvesse estimulado. E se tratasse realmente de pessoas mortas, é lícito arguir com base na importante concordância entre o desenho que a "prancheta" tinha traçado de uma cozinha por todos desconhecida, bem como do chão da cozinha, e aquele que foi encontrado no lugar; detalhe verídico muito sugestivo, o qual permite presumir que se os experimentadores tivessem pensado, ou provavelmente, se tivessem podido realizar as práticas para verificar se sob o chão de pedra haveria realmente um esqueleto humano, teria presumivelmente encontrado exato também esse outro detalhe equivalente a uma boa prova de identificação espírita. Sobre isso, exponho uma frase da relação que induz a presumir a favor de tal probabilidade, frase em que se alude "a tantas famílias que tinham medo de morar na casa em questão"; indício manifesto que ali já tinham ocorrido fenômenos de assombração, como tinha alegado a entidade comunicante. Alegação que, por sua vez, concorda com a circunstância de que em numerosos casos de assombração estão enterrados restos de esqueletos humanos, indicando delitos consumados no local.

Nota-se, enfim, que se na casa da qual se trata já aconteciam

fenômenos de assombração, e se estes se reproduzissem na casa da relatora em consequência de experiências mediúnicas ligeiramente iniciadas, durante as quais se manifestava um espírito que se declarava autor dos fenômenos que aconteciam nas duas casas assombradas, reforçando sua afirmação ao fornecer informações ignoradas em referência à outra assombração, em tal caso dever-se-ia inferir que a segunda fase mediúnica dos fenômenos em questão poderia demonstrar a presença espiritual do morto em ambas as fases de assombração, e isso pelo simples fato de se manifestar em dois locais diversos, provando sua independência psíquica com relação aos sensitivos e aos médiuns presentes nos locais. Nesse caso, a interpretação espírita do duplo caso de "poltergeist" pareceria indubitável.

Tudo isso é interessante, de modo que é mais do que nunca lamentável que os experimentadores não tenham pensado, ou não tenham podido aprofundar sua investigação. De toda maneira, as considerações expostas conservam em parte seu valor teórico porque são, em boa parte, fundadas em argumentações em cima de fatos, pelo que não deveriam esquecer ao formular induções teóricas em torno da gênese dos fenômenos.

Do ponto de vista do presente trabalho, deve-se observar que o caso exposto é legitimamente classificável entre os casos de "poltergeist" e isso não somente porque as manifestações que os caracterizam estão presentes em todos, mas sobretudo porque semelhantes manifestações não se passam apenas durante a sessão, mas se realizaram um pouco em diferentes lugares da casa, renovando-se de dia e de noite. Isso posto, tem-se que o caso exposto é válido para a demonstração da existência de uma relação muito eloquente entre os fenômenos de "poltergeist" e o que se realiza nas sessões mediúnicas, visto que as sessões mediúnicas podem às vezes se

transformar em casos de "poltergeist".

Sobre a natureza de tal relação temos antes de tudo que um e outro têm por gênese indispensável a existência de faculdades mediúnicas em uma pessoa moradora da casa, pessoa que, nos fenômenos de "poltergeist", é muito frequentemente uma jovem ou um jovem na faixa da puberdade, os quais manifestam transitoriamente faculdades mediúnicas espontâneas, enquanto no caso exposto se tratava de faculdades mediúnicas possuídas pelo conde Colmonti e pela Sra. Hastings.

E até aqui, nada de teoricamente notável, senão pelo fato de os casos como o referido, em que as experiências mediúnicas se transformam em manifestações de assombração, passam a projetar um raio de luz clarificadora sobre a gênese dos fenômenos de "poltergeist", tendendo a conferir maior valor teórico à questão da presença de personalidades mediúnicas que afirmam serem espíritos e provocarem os fenômenos; questão que raramente emerge nos fenômenos ordinários de "poltergeist", porquanto se verifica em um número suficiente de casos de modo a autorizar legitimamente e inferir a presença na grande maioria de semelhantes casos. Repito: na grande maioria dos casos, não todos, já que podem acontecer e acontecem fenômenos de "poltergeist", de origem puramente "anímica", assim como se realizam fenômenos "anímicos" em quase todas as categorias de fenômenos mediúnicos, e isso por uma boa razão: que o homem é um espírito mesmo quando encarnado. De todo modo, os fenômenos de "poltergeist" de origem anímica são facilmente separáveis dos outros, porquanto se reduzam aos usuais fenômenos de "telecinesia" muito simples, nos quais não se verificam indícios claros de uma inteligência sobrenatural que lhes dirija. E por ora não é o caso de acrescentar outro.

Caso II

Trata-se de um caso muito conhecido, mas que não posso me eximir de reproduzir. Refiro-me com isso à longa série de manifestações de "poltergeist" que teriam perturbado as sessões mediúnicas tidas com o professor Haraldur Nielsson com o médium Indridi Indridason, na cidade de Reykjavik, capital da Islândia. O professor apresentou dois longos relatórios ao Congresso Internacional de Pesquisa Psíquica de Copenhagen (1921) e de Varsóvia (1933), e o escreveu e discutiu na Light e outras revistas inglesas, alemãs e dinamarquesas.

Com o médium Indridason, morto prematuramente por uma infecção de tifoide, obtiveram-se todas as manifestações psíquicas da casuística mediúnica, incluindo a "voz direta" e as materializações de fantasmas. Estas últimas apareciam luminosas por si mesmas, também iluminadas por globos luminosos que subiam atrás dos fantasmas, pelo que eram totalmente visíveis a todos. A "voz direta" se externalizava também pela estrada e o prof. Nielsson assim a descreve:

"Algumas vezes os 'espíritos-guia' esperavam que o médium entrasse em 'trance' e depois o conduziam da sala da empresa à casa do bispo de Rejkjavik. Em tais circunstâncias era sempre eu que me encarregava de acompanhar o médium e não me esquecerei jamais a passagem extraordinária em que os 'espíritos-guia' conversavam comigo, um entre eles pela boca do médium e outros falando com a 'voz direta', que ressoava pelo ar ao meu redor, em meio à escuridão da noite". (Atos do Congresso de Copenhagen, p. 459).

Quanto aos fenômenos de "poltergeist", a forma persecutória, declarada de repente após a intromissão de uma nova personalidade

mediúnica, o relator diz o seguinte:

"Resta mencionar uma série de manifestações entre as mais convincentes, que se externalizaram em meio a grandes perturbações fenomênicas. Ao que parece, um grupo de entidades espirituais baixas e hostis tentava se apossar do médium, obstaculizando a obra dos 'espíritos-guia'. Foi dito que entre eles estava o espírito de um suicida e alguém do círculo pareceu reconhecer a voz. De todo modo, era evidente que deveria se tratar de entidade muito miserável.

"No inverno de 1907-1908, uma de tais entidades provocou graves distúrbios; depois pareceu se arrepender e não se manifestou mais. Um mês depois tivemos uma breve sessão em que aconteceram fenômenos estranhos e inconclusivos. Três dos membros da comissão pela qual se anunciava tal sessão pediram uma outra para a noite seguinte, o que foi imediatamente concedido e a sessão resultou entre as mais memoráveis das que assisti.

"Durou cinco horas e seria necessário muito tempo para descrever o que aconteceu. De antemão, nossos usuais 'espíritos-guia' nada sabiam do que havia passado na noite anterior. Além disso, eles advertiram que havia sido subtraída grande parte daquela energia usada para a externalização dos fenômenos (ectoplasma). Quando começou a sessão, eles anunciaram a presença do espírito do suicida (que chamaremos 'John'), o qual, ao que parece, tinha se apropriado da energia subtraída da médium, começando a utilizá-la para produzir cada tipo de ruído e de péssimas zombarias. Disseram também que o mesmo espírito tinha se apropriado da energia de outra pessoa.

"Pouco depois, assistimos a uma verdadeira luta entre este último e os 'espíritos guia'. Todos os objetos existentes na sala começaram a ser lançados violentamente em todas as direções, enquanto os

móveis que não eram fixados nas paredes se agitavam ou se precipitavam ao chão. Tudo isso enquanto o médium estava prostrado nos braços do senhor Kvaran. Nossa segurança era dada pelos 'espíritos-guia', os quais advertiam a entidade cada vez que ela tentava ofensas; por exemplo, avisaram-me quando ela tentou me jogar uma cesta cheia de carvão, que foi a tempo de me desviar graças ao aviso.

"Os 'espíritos-guia' explicaram que quando tais tipos de entidades espirituais, baixas e sem escrúpulos, conseguem controlar um médium qualquer, mas sobretudo um médium de materialização, este corre perigo de esgotamento vital, dada a grande quantidade de energia que lhe tragam sem escrúpulos e sem medidas.

"E naquele dia tal entidade provocou profundo esgotamento em nosso médium; de modo que três de nós deveriam constantemente velá-lo durante a noite. Às vezes, mesmo à plena luz, os objetos do entorno se agitavam e se transportavam, mas quando se apagava a luz e Indridason buscava dormir, a cama era bruscamente levantada e ele era arrancado da cama. Eu mesmo fui testemunha dos fatos.

"Naturalmente, dever-se-ia suspender as sessões e se ocupar unicamente do médium, a fim de protegê-lo durante aquele período de assaltos implacáveis, que duraram várias semanas.

"Finalmente, os 'espíritos-guia' anunciaram que conseguiram convencer o espírito suicida a desistir e disseram também que ele parecia arrependido.

"Pouco depois, ele se manifestou através do médium, pedindo humildemente desculpas pelo mal que ele inconscientemente tinha tentado fazer, prometendo solenemente não mais recommençar; promessa que ele mantém.

"É um fato indubitável que a entrada na sessão mediúnica da entidade malévola e irresponsável concorre para complicar e tornar

ainda mais misteriosa a gênese dos fatos e essa circunstância merece ser profundamente estudada, ainda que muitos investigadores estejam propensos a não tê-la como merecedora” (Ivi, p. 308-310)

No Congresso de Varsóvia, o professor Nielsson apresentou um outro relato mais detalhado em torno do caso em questão, do qual me limitarei a extrair alguns trechos. Ele relata:

“... Uma vez o médium foi levitado em plena luz e parecia que a entidade operante tinha intenção de lançá-lo para fora da janela. Duas vezes os membros vigilantes, junto ao médium, tiveram de abandonar a sala, de tão ameaçadora parecia a situação. Uma outra vez a entidade obsessora falou através do médium, em tom irritadíssimo. Disse que se pudesse, teria matado o médium para se vingar dos ditos “espíritos superiores” que o atormentavam. De fato, pelo que parece, os “espíritos guias” conseguiram minar seu poder de controle sobre o médium e também expulsá-lo...”.

Quando finalmente conseguiram catequizar e pacificar o espírito ensandecido, voltou a paz e a tranquilidade na sessão e o relator observa:

“Através dos ‘espíritos-guia’ nós continuamos a ser informados sobre o ‘espírito de assombração’, e depois de um mês, ele, pela primeira vez, manifestou-se com a ‘voz direta’. Depois disso, continuou a se manifestar frequentemente e terminou por se converter em um precioso assistente nas manifestações físicas predispostas ao ‘espírito-guia’. Ele falava com a ‘voz direta’ normal e perfeitamente, que nenhum dos outros espíritos comunicantes conseguiu jamais se igualar e se tornou o espírito dirigente as manifestações físicas de transporte e levitação de objetos, transformando-se também em um válido protetor do médium.

“Um de nós que o tinha conhecido em vida informou que o suicida não foi um homem mau, mas beberrão e sempre pronto a pregar

peças em todos.

“A se notar, enfim, que um dia é apresentado ao médium um álbum de fotografia. Ele o folheou distraidamente, mas de repente deteve-se diante de uma fotografia exclamando que aquele era o retrato do suicida, o que é verdadeiro. Ele não o tinha conhecido, mas viu o fantasma duas vezes por clarividência”. (Light, 1923, p. 615).

Nos comentários do episódio anterior se diz que os casos de “poltergeist” que tinham origem anímica se limitavam de modo geral a fenômenos de “telecinesia” de simples manifestação. E a palavra “simples” tem importância teórica, visto que quando os fenômenos de lançamento de objetos vêm direto de uma inteligência, seja maléfica ou benéfica, ou, como no caso em questão, quando se assiste a luta entre os “espíritos-guia” e uma entidade maléfica e em que os “espíritos-guia” não podendo impedir que a entidade maléfica tentasse ofender os presentes (e isso porque o poder de um espírito sobre a matéria está em razão inversa à sua elevação), advertem fortemente a cada experimentador quanto aos perigos que ameaçavam, em tais contingências não poderia mais se sustentar que se tratassem de manifestações puramente anímicas, ou seja, de transportes imprudentemente desordenados de objetos por obra de uma força exterior ao médium. E se depois a interpretação espírita dos fatos vem confirmada por alguma boa prova de identificação pessoal do desencarnado que se afirma presente, como acontece no nosso caso, em que o médium indicou em um álbum de fotografia aquela que representava o retrato do espírito assombrador visto duas vezes por ele em clarividência, nesse caso a eliminação da hipótese anímica deveria parecer definitiva para qualquer um, não havendo preconceções de escola a defender, a evitar induções mais ou menos fantásticas ou sofistas.

Do ponto de vista do presente trabalho, observo que o episódio em

exame deve ser considerado legitimamente um caso de “poltergeist” de desenvolvimento mediúnico-persecutório, visto que os fenômenos não se manifestam somente durante a sessão, mas em todo lugar, de dia e de noite. Deve-se, portanto, junto ao primeiro, fazer emergir as relações existentes entre as sessões mediúnicas e os fenômenos de “poltergeist”; tanto mais que estes últimos, a seu turno, assumem frequentemente uma forma persecutória. Recordo, enfim, que tais relatórios serão posteriormente ainda validados com base em determinadas manifestações de “poltergeist”, que acontecem depois de uma sessão mediúnica realizada no ambiente assombrado, assim como casos de morte seguidos de fenômenos totalmente análogos aos de “poltergeist”.

Caso III

Este terceiro episódio parece teoricamente estranho no início, no sentido de que não se sabe se no episódio as manifestações mediúnicas se transformam em fenômenos "poltergeist" de origem "espírita" ou "anímica"; mas ver-se-á a partir dos comentários sobre o mesmo caso que a primeira solução parece ser a mais confiável.

Eu o extraio de um de tantos relatórios já acerca das experiências famosas com o médium polonês Franek Kluski que, como se sabe, é o médium mais potente para a materialização de fantasmas.

Na revista *Psychic Science*, do ano de 1926 (p. 89-93), a co-diretora da revista – Sra. Mackenzie - publica um artigo sobre as manifestações físicas que se aconteciam nos primeiros tempos em que se produziam experimentos com o médium mencionado, quando ainda não se havia obtido manifestações de fantasmas materializados, mas apenas fenômenos poderosos de ordem física, algo tumultuados e um tanto perigosos, que consistiam em transportes, levitação ou arremesso de objetos, grandes e pequenos. Sobre isso, relata:

“O coronel Norbert Ocholowicz formula algumas observações interessantes com relação à influência do temperamento emocional do médium sobre a natureza dos fenômenos. E ele cita o ocorrido em uma sessão do ano de 1919, que iniciou tarde e depois de várias interrupções, foi retomada nas primeiras horas da noite. Naquela época, os experimentadores ainda não utilizavam nem cartões luminosos, nem lâmpadas de luz vermelha, ficando em plena escuridão. Antes que começasse a segunda vez, o médium ausentou-se brevemente para questões domésticas e quando retornou os

experimentadores observavam que seu rosto parecia perturbado por uma irritação mal disfarçada; fato relevante porque um momento antes ele parecia de ótimo humor. Eles souberam mais tarde a causa de sua irritação, mas não parecia adequada à perturbação emocional provocada: mas é notório que os médiuns da sessão se encontravam em condições excepcionais de sensibilidade, de modo que qualquer pequena contrariedade tinha neles proporção agigantada. Ele, evidentemente, estava em condições de esperar que irrompesse em cólera, mas soube se conter. E a segunda parte da sessão se iniciou em tais condições.

Mal a luz acendeu, começaram as manifestações e, por mais de uma hora, continuaram sem interrupção, circunstância esta literalmente insólita. Não seriam manifestações luminosas: unicamente levitações e transportes, com lançamento de objetos de uma forma muito bruta; e a julgar pelas condições em que se encontrava o ambiente quando voltou a luz, havia perigo quanto à integridade física dos experimentadores. Uma coluna pesada, de madeira, colocada em um ângulo do ambiente, a uma discreta distância do círculo e do médium, foi levitada e transportada para cima dos experimentadores. Então, ouviu-se ela chocar contra o teto, onde parecia ficar suspensa por algum tempo, para então precipitar-se pesadamente no espaço estreito entre os experimentadores, sem atingi-los ou golpeá-los. Um pequeno cavalete que estava no mesmo ângulo, muito mais leve do que a coluna, elevou-se até o teto para então precipitar-se sobre o mesmo ponto, com um barulho ensurdecedor, desproporcional ao evento. Os experimentadores, intimidados com tantos fenômenos perigosos ocorridos nos primeiros dez minutos da sessão, concordaram em encerrá-la, iluminando o ambiente.

“O médium permaneceu acordado e sentava encolhido e absorto na

própria cadeira. Foram levados de volta a seus lugares a coluna, pesando vinte quilos, e o cavalete; então se refez a escuridão, voltando cada um a seu lugar. Imediatamente as manifestações retornaram com violência maior do que antes, em cada ângulo do local. Os móveis se moviam e se arrastavam pesadamente, enquanto os pequenos objetos desordenada e violentamente em todas as direções. Novamente, os expectadores foram tomados por pânico combinado a um tipo de exaurimento de forças, pelo que, depois de outros dez minutos de tal pandemônio, reacenderam a luz, trazendo a calma.

“Como da primeira vez, o médium ficou acordado e perguntou afetuosamente se não havia acontecido nada a ninguém.

“Depois de algum tempo, decidiu-se retornar a escuridão e possivelmente não mais reacender a luz, mas convergir coletivamente a vontade de pensamento em oposição às manifestações dos fenômenos violentos. Mal deu-se a escuridão e as manifestações recomeçaram mais violentas do que nunca, pelo que os experimentadores esqueceram o propósito de convergir suas vontades em um só pensamento, cada um se comportando de acordo com sua própria tendência. Aconteceu que começaram a pregar em alta voz e a entonar solenemente um “desconjuro” indiano ou árabe. Mas, a maioria tentou transformar a natureza das manifestações fazendo exortações fortes nesse sentido às entidades dirigentes. Nem isso conseguiu mudar a situação, e assim o coronel Ocholowicz observa que tais esforços de vontade em direções diversas não fizeram mais que aumentar a violência das manifestações. Os pequenos objetos e as cadeiras eram lançados sem interrupção em todas as direções quando uma cadeira, junto à pessoa que a ocupava, começou a levitar lentamente e, apesar das súplicas do ocupante e de todos os experimentadores, continuou a levantar até atingir quatro

pés de altura; depois, precipitou-se com grande velocidade inicial, mas de repente ficou mais lento quando próxima ao chão e pousou com delicadeza, sem machucar em nada o ocupante.

“Uma garrafa com um terço de vinho tinto elevou-se até o teto (a julgar pelo eco do choque no mesmo) e caiu ao chão quebrando-se em pedaços.

“A luz acendeu e as manifestações cessaram imediatamente. Notava-se que o fundo da garrafa partiu de modo a que a parte inferior parecia cortada precisamente com uma faca até a parte superior, a qual, como se diz, estava em pedaços. Todas as cadeiras estavam espalhadas desordenadamente pelo ambiente ou de pernas para o ar, e os pequenos objetos estavam por toda parte.

“O fato do cessar imediato dos fenômenos com a iluminação do ambiente e de sua imediata renovação assim que tornava a escuridão demonstrava que a força de ação não era destruída, mas somente neutralizada pelo efeito das vibrações luminosas. Nenhuma outra manifestação aconteceu: nem luzes, nem golpes, nem batidas, nem materializações. A única impressão que fica nos experimentadores é a de que os móveis e os objetos pareciam ter vida.

“O fato de tal energia dinâmica aparentemente provocada pelas condições de irritação em que se encontrava o médium aponta para a origem da emissão de força psíquica e ao mesmo tempo demonstra que a mesma pode operar independentemente tanto para criar quanto para destruir. Em nosso plano físico, a irritação e a ira são forças desintegradoras, durante as quais se assiste por vezes ao fato do indivíduo que é tomado de um acesso de fúria, extravasam jogando objetos por todos os lados. No nosso caso, o médium soube reter a si mesmo devido ao ambiente em que se encontrava, mas assim que apagada a luz, a força psíquica que estava em seu organismo traiu a veemência de sua irritação. Entretanto, o outro

fato, de que ninguém foi ferido pelos objetos lançados em todas as direções, demonstra que a despeito de tanta violência do fenômeno, havia uma inteligência disciplinadora dos fenômenos, como também demonstra que presumivelmente o poder fornecido às inteligências operantes devido à força dinâmica da ira era tão forte que chegava a exauri-lo de algum modo. Teria sido interessante saber se o médium se sentiu mais calmo após dar vazão na forma fenomênica. E é provável que tenha sido assim.

“Um outro pequeno incidente de mesma natureza se manifestou alguns dias depois, quando, durante uma sessão, o médium se irritou por conta de diferenças de opinião. Logo ecoaram batidas fortíssimas e houve a levitação de uma mesa, esta de modo literalmente insólito. Então, terminada a sessão, uma campainha que estava sobre uma mesa foi lançada violentamente ao chão e, um instante depois, também uma estatueta se precipitou, ficando em pedaços. Concluimos que a irritação do médium mesmo dessa vez tinha incitado a irrupção suplementar da força física”.

Assim conclui seu relatório o coronel Ocholowicz. Como vimos, ele, de um lado, tende a crer que o fato da irritação do médium tenha determinado uma fuga exuberante de força psíquica, a qual, por lei de analogia, manifestou-se na direção que teria se manifestado sua raiva reprimida, determinando o fenômeno de lançamento de objetos, assim como acontece nos casos de acesso de fúria em pessoas de temperamento irascível. E a analogia parece cabível e sugestiva.

Entretanto, a outra observação sobre o lançamento violento de tantos objetos sem que ninguém tivesse se machucado, penso que em tal pandemônio de incidentes aparentemente cegos fosse talvez uma inteligência que disciplinava as trajetórias, induz o relator a inferir a presença de tais inteligências espirituais. Depois, ele

acrescenta: “Presumivelmente, o poder fornecido às inteligências operantes na causa da força dinâmica da ira era de tal modo exuberante que o obrigava e o exauria de qualquer modo”. Ora, em tais observações, torna-se interessante quando se compara com outra explicação análoga fornecida pelo rev. William Stainton Moses sobre seus “espíritos-guias”.

Mesmo nas sessões com Moses, muito superiores pelos atributos espirituais, às vezes aconteciam fenômenos físicos desordenados e barulhentos, com violentos transportes de objetos; fenômenos que afetavam a suscetibilidade de Moses, porque contrastavam com rigorosos entendimentos espirituais das investigações que ele tinha empreendido. E uma vez em que as manifestações recomeçaram com insólita violência, ele, depois, em uma sessão de psicografia, queixou-se com o “espírito-guia” Rector, que respondeu que o inconveniente não poderia ser evitado porque a manifestação dos fenômenos físicos em questão constituía o meio mais direto para rapidamente liberar o ambiente de um excesso de força física exterior, excesso fatal para os fenômenos de elevada ordem e, por outro lado, muito propícios para a interrupção de entidades baixas e irresponsáveis, as quais ansiavam dominar seus propósitos e prejudicar a segurança dos presentes. Ali no caso dele, os fenômenos de transporte de objetos e de barulhos se manifestavam porque implicavam um máximo de desperdício de força, enquanto os espíritos assistentes os disciplinavam de modo a não causar dano a ninguém.

Essas são as explicações fornecidas a Moses pelo “espírito-guia” Rector, as quais são lidas duas vezes nos relatórios da sra. Speer; e isso é precisamente o caso da sessão em exame, de modo que parece interessante e sugestiva a circunstância da mesma explicação dada pelo coronel Ocholowicz.

Entretanto, haveria uma outra interpretação dos fatos, que se

conciliaria melhor com a circunstância do médium que fica sempre desperto durante a manifestação do pandemônio fenomênico ocorrido, onde, ao contrário, essa enorme e excepcional subtração de energia vital o teria feito imergir em sono mediúnico profundo. Ora, se se considera tal circunstância de fato, combinando-a a outra dos experimentadores que se sentiram todos diminuídos em suas forças, teria sido possível inferir que para o desenvolvimento de tal sequência imponente de fenômenos de “poltergeist” teria sido subtraída muita energia vital de todos os presentes, enquanto o médium estivesse utilizado qual centro coletor de toda a energia subtraída do grupo. O que, como se diz, daria razão do fato, aparentemente contraditório, do médium permanecer desperto durante tal desperdício de energia vital. E de qualquer modo, então dever-se-ia dizer que o estado intempestivo de irritação em que se encontrava o médium seria a causa determinante para a irrupção imponente dos fenômenos de “poltergeist”, mas isso no sentido de que suas condições de irascibilidade – condições não elevadas espiritualmente – teriam aberto passagem à invasão de entidades pouco evoluídas, estas resultando mais capazes de manifestações de fenômenos físicos potentes mediante a subtração de forças de todas as pessoas reunidas na sessão, teriam se aproveitado da ocasião para se divertirem a seu modo, ainda que a presença e a vigilância dos “espíritos-guia” disciplinasse as manifestações de modo a tutelar a segurança dos experimentadores.

Enfim, o coronel Ocholowicz, quanto aos fenômenos físicos em geral, observa:

“No princípio da nossa experiência as manifestações físicas constituíam uma boa metade dos fenômenos conseguidos em cada sessão e os experimentadores tinham aprendido a associar fenômenos especiais a inteligências especiais. Entretanto, naquele

tempo, de tais inteligências se induzia a presença sem vê-las. Gradualmente, tais manifestações andaram cessando... e o interesse e o desejo dos experimentadores atraíram para o círculo somente aqueles entre os hóspedes invisíveis que tinham poder de se manifestar materializando-se...”

Com base em tais informações do relator, e querendo conciliar entre eles as duas versões propostas para a explicação dos fatos, dever-se-ia dizer que os “espíritos-guia” se valeram, ao contrário, de “entidades pouco evoluídas” como coadjuvantes necessárias para as manifestações físicas e que nas circunstâncias expostas cujo ambiente, por efeito do estado anormal do médium, era saturado por um excesso de energia exterior, deixaram-nos livres de provocar o exaurimento manifestando fenômenos violentos de “poltergeist” – assim como, em circunstâncias análogas, aconteceu nas sessões com Moses, mas disciplinando as manifestações de modo a proteger a segurança dos experimentadores.

E é sobre esse último ponto que deveria fixar-se a atenção do indagador sereno, livre de preconceitos de escola, o qual se propõe a pronunciar juízo sobre a gênese dos fenômenos.

Viu-se, entre outras coisas, que no episódio da levitação de uma cadeira junto a seu ocupante, esta, depois de ser levantada a quatro pés de altura, “precipitou com grande rapidez inicial, mas ficou mais lenta de repente quando ficou próxima ao chão e posou delicadamente, sem machucar em nada o ocupante”.

Eis um fenômeno que não se explica com a irrupção cega e desordenada de uma força psíquica do organismo do médium. E não se explica nem mesmo com a exteriorização da inteligência do médium; isso é antes de mais nada porque o médium estava desperto, depois porque o fenômeno indicado subentende uma inteligência que vê em plena escuridão e domina a força psíquica de

modo tão prodigioso a fazer precipitar a cadeira e o ocupante até o limite desejado, para então cessar o ímpeto e colocá-la em terra delicadamente. Tudo isso se por um lado parece uma brincadeira de mau gosto, conforme dito em relação à circunstância que deveria se tratar de entidades espirituais pouco evoluídas embora não más, demonstra também a presença de uma inteligência ou de múltiplas inteligências manifestas ao médium e aos presentes.

Esta é a mais racional interpretação dos fatos. Poder-se-ia contestar colocando tudo na conta do subconsciente do médium: inteligência e força. Mas, como se viu, isso contrastaria com as modalidades em que se manifestam os fatos e, em consequência, resultaria uma interpretação de longe mais gratuita e arbitrária do que a outra. Tanto é assim que quando se quer considerá-la em relação ao complexo dos fatos investigados, não apenas isolando um episódio para então concluir com base naquele somente, método este absurdo e anticientífico, mas muito frequentemente adotado pelos opositores, ainda que eles recorram a ele de boa fé.

* * *

Passo a relatar alguns episódios em que se realiza o fenômeno inverso, vale dizer que os casos espontâneos de assombração, ou de “poltergeist”, transformam-se em experiências mediúnicas conseguidas regularmente em sessão, ou cessam após uma sessão mediúnica tida no ambiente assombrado, ou após o atendimento tardio de uma promessa feita no leito de morte e não mantida.

Caso IV

O episódio que segue relata a primeira das circunstâncias expostas, em que os casos espontâneos de “poltergeist” se transformam em experiências mediúnicas conseguidas regularmente em sessão.

Eu o extraio do fascículo de novembro-dezembro de 1932, da revista metapsíquica alemã: *Zeitschrift für Parapsychologie*, e se trata de um longuíssimo relatório, o qual me limitarei a resumir. O relator, também testemunha dos fatos, é o neurologista Simsa, de Praga.

Trata-se de uma casa assombrada, nos arredores de Praga (Boemia), onde morava um certo senhor Wolff (pseudônimo), de 25 anos, AMMOGLIATO há alguns meses. A casa estava totalmente isolada.

Em 15 de agosto de 1930 começamos a verificar o ambiente inicial dos fenômenos de caráter espontâneo, de tipo persecutório; e chuvas de pedras muito violentas trouxeram cada dia o caos na família, muitas vezes quebrando vidraças e outros objetos. Mesmo se chovesse, as pedras eram sempre secas e quentes (particularidade esta comum a quase todos os fenômenos do gênero). Um “fantasma cinza” parecia às vezes e logo dispersava. Tentou-se segui-lo, mas ele desaparecia não se sabe como, já que na casa não havia possibilidade de se esconder. Policiais foram chamados, os quais caçaram o suposto autor da chuva de pedras, e por sua vez viram o fantasma, cinza, e também teve uma ocasião que viram dois fantasmas, disparando contra os dois, não conseguindo mais do que fazê-los desaparecerem.

Outros fenômenos de todo tipo continuaram, como batidas,

explosões, rugidos de bestas, relâmpagos, que desconcertavam diariamente a paz do casal.

Simsa começou sua investigação em 26 de outubro de 1926, antes mesmo da imprensa se ocupar dela. Descreveu as manifestações ocorridas e pôde assistir mesmo a alguns fenômenos, como estilhaçar de vidros, levitação de uma porta, barulho de passos invisíveis e rugidos de bestas. Com base nas observações coletadas, não tardou a se convencer de que na casa devia haver um médium e por via de eliminações sucessivas, descobriu que o médium era o próprio senhor Wolff.

O doutor Simsa, apesar de avesso à interpretação espírita das manifestações mediúnicas, quer tentar fazer cessar aquela explosão espontânea de fenômenos de “poltergeist”, transformando-a em uma série de manifestações mediúnicas regularmente ocorridas em sessão. Com esse objetivo, reuniu ao redor de uma mesa os membros da família e lhes disse assim:

“Nós todos assistimos a manifestações sobrenaturais que se manifestam nessa casa por influencia direta de um médium. Poderia se tratar da emissão inconsciente de força psíquica e nada mais; ou da presença de um médium que se ignora, ou da intervenção de espíritos: tudo pode ser”.

Isso explicado aos presentes, ele assim prosseguiu em seu relatório: “A esse ponto, voltei-me ao retrato em óleo do pai do senhor Wolff, que em vida foi um estudioso do ocultismo, e assim falou: Você que está presente em espírito e sabe lançar pedras tão bem, produzir relâmpagos, rugidos terríveis e aparições de fantasmas, renuncie a essa puerilidade que só serve para apavorar o próximo, e busca, ao contrário, fazer algo em benefício da ciência: com isso prestando um destacado serviço à humanidade. Por exemplo, tente mover essa mesa e faça pancadas no tampo para mostrar que aceita. – Logo se

ouviu uma pancada debilmente batida sobre o tampo. Eu o encorajei dizendo: - Assim é melhor; e agora tente mover algum objeto. Se não tiver força, nós lhe forneceremos.

“De acordo, fizemos todos a cadeia com as mãos em torno da mesa, a qual imediatamente tomou rumo através da sala, para depois rodar em volta de si mesma... Todos os presentes acreditaram plenamente na intervenção do papai Giovanni.

“Mas o que importa é isso: que daquele momento cessaram para sempre as manifestações de assombração de caráter espontâneo. Houve ainda algumas manifestações de gênero muito modestas, mas sempre durante sessões.

“Portanto, creio-me no direito de declarar minha vitória sobre o ‘fantasma do Branick’; ou, para dizer cientificamente, entendo ter transformado os fenômenos espontâneos de ‘poltergeist’ em manifestações experimentais..., e isso é de alto valor para a parapsicologia...”.

Depois disso, o doutor Simsa relatou uma longa série de fenômenos mediúnicos conseguidos experimentalmente, entre os quais iniciam os “aportes” de cada gênero, que apresentavam a característica de resultarem quase sempre “simbólicos”, no sentido em que apareciam relacionados ao tema do qual se falava, ou a uma circunstância ocorrida no momento. Assim, por exemplo, falava-se de luz e era trazido um pavio e um pedaço de vela; falava-se de automóveis e vinha sobre a mesa a carteira de habilitação de uma pessoa presente. Muito frequentemente os “aportes” aconteciam a plena luz, em cujo caso parecia que brotava do teto. Juntaram nesse sentido um par de grandes alicates, uma sineta e uma rosa. Outras vezes, obtiveram fenômenos de “telecinesia” muito complexos, luzes de várias formas que se manifestavam um pouco em cada lugar, mãos materializadas que tocavam os espectadores e formas visibilíssimas de fantasmas.

Apenas uma vez, e sabe-se lá com qual intenção oculta, aconteceu um fenômeno de natureza persecutória, consistindo na morte de um bom número de frangos do senhor Wolff, que tem por profissão a criação de frango.

O doutor Simsa não crê em “espíritos”, mas, por outro lado, atem-se às peregrinas elocubrações da psicanálise, pelo que concluiu que em termos psicoanalíticos tal fenômeno teria revelado um mecanismo de “autopunição” explicada por via paranormal e reconduzível a um princípio de “ambivalência”. O que tudo isso quer dizer? E por quais mistérios psicoanalíticos o inocente senhor Wolff teria querido se autopunir? Quem conseguir compreender é admirável, mas... que se contente feliz.

O doutor Nandor Fodor, comentando na Light (1932, p. 170) a razão do doutor Simsa, concluiu nesses termos:

“Enquanto nada de essencialmente novo aconteceu no procedimento do doutor Simsa (uma vez que vários outros experimentadores antes dele tinha já tentado cessar os fenômenos de “poltergeist” com procedimento análogo), ele oferece a oportunidade de observar a linha de demarcação existente entre os fenômenos físicos da mediunidade e os de assombração e de “poltergeist”, revelando ao mesmo tempo a unidade, ou a identidade fundamental de todas essas manifestações... Nos fenômenos de “poltergeist” se revela comumente a presença de um espírito desencarnado pouco evoluído e sem escrúpulos, às vezes hostil e malvado, que, entretanto, é quase sempre reduzível ao melhor juízo. Em muitos casos ele age porque encontrando fluidos e força à disposição, logo aproveita para se divertir fazendo brincadeiras de má índole nos vivos; mas, muito frequentemente, ele produz fenômenos de “poltergeist” a fim de chamar a atenção dos presentes, porque deseja se comunicar com o mundo dos vivos. Nesse caso, ele

continuará a provocar fenômenos persecutórios até o presente médium, que ignora sê-lo, não seja induzido a experimentar, alcançando com isso o objetivo de fazer com que os vivos notem seu desejo. Daí se tem que quando isso acontece, os fenômenos de “poltergeist” cessam ou se transformam em manifestações mediúnicas experimentais”.

As conclusões do doutor Nandor Fodor são as mesmas que as minhas, pelo que me dispensam de fazer longos comentários. Eu, entretanto, terei enfatizado a circunstância indubitável de que podem acontecer, como acontecem, manifestações de “poltergeist” puramente anímicas, as quais, porém, manifestam-se sempre com uma fenomenologia muito simples, consistente em movimentos e transportes de pequenos objetos, combinados a picos e sons muito moderados, assim como a brisas de ventos gélidos, fenomenologia em que não emergem nunca diretivas inteligentes, e muito menos se manifestam aparições de fantasmas, como no caso em exame. E a presença de fantasmas em uma manifestação de “poltergeist” deveria, por si só, ser uma circunstância eloquente em relação à origem dos fenômenos.

Enfim, na sustentação da tese proposta pelo doutor Nandor Fodor, trago que suas argumentações não são ponto indutivo ou gratuito, mas se fundam sobre o que os mesmos “espíritos assombrantes” têm declarado repetidas vezes, tão logo alcancem o objetivo de serem descobertos e de se comunicarem com os vivos.

Recordo, quanto a isso, que em um caso ocorrido na ilha de Cuba, e por mim relatado em uma monografia, ou outro trabalho meu que não consigo encontrar, realizaram-se fenômenos de “poltergeist” sob a forma de lançamento e quebra de louças, até que foi sugerido aos prejudicados que houvesse uma sessão mediúnica no ambiente assombrado. Imediatamente se manifestou uma entidade que

afirmava ser o irmão falecido do dono da casa, informando ter recorrido ao fenômeno de quebra de louças para chamar a atenção dos familiares no único modo que lhe era possível, desejando comunicar-se com seu irmão por um objeto de família, sobre o qual omitiram os detalhes. De todo modo, daquele dia em diante cessaram para sempre os fenômenos de “poltergeist”, evidentemente porque o irmão falecido tinha atingido seu objetivo.

No presente caso não se poderia afirmar que se trataria do pai do senhor Wolff, ou ao menos, não há no relatório provas nesse sentido. De todo modo, é fato que algumas vezes foram vistos perambulando no ambiente assombrado dois fantasmas, detalhe que não deve ser ignorado na investigação das causas. Entretanto, quando se consegue comunicar com a entidade provocadora dos fenômenos, ela não revelou seu ser, mas se pôs a produzir os fenômenos que se lhe eram solicitados. E, portanto, conforme as argumentações do doutor Nandor Fodor, dever-se-ia inferir que se tratava de um “espírito, ou de mais espíritos desencarnados e pouco evoluídos, mas não hostis”, os quais tendo encontrado fluidos e força à disposição, aproveitaram para se divertir às custas dos vivos, para então vir, na melhor das hipóteses, a entrar em contato com os vivos e estes lhes pediam que desistissem de produzir os fenômenos inoportunos para se dedicarem a manifestações mediúnicas a serviço da ciência.

Tudo isso considerado, tem-se que esse primeiro episódio, aparentemente na segunda categoria dos “casos espontâneos de ‘poltergeist’ que se transformam em experiências mediúnicas realizadas regularmente em sessão”, leva com isso uma outra prova mais do que nunca favorável à tese sobre a identidade de origem das duas variedades fenomênicas, com a consequência teórica que delas derivam; prova complementar da primeira, bem como dificilmente contestável, sempre que se considere o episódio cumulativamente

com os outros da natureza aqui considerada, como prescrevem os métodos de investigação científica.

Caso V

Na tese proposta pelo doutor Nandor Fodor, a norma da quais muitos fenômenos de assombração, incluindo a variante das manifestações de “poltergeist”, são determinadas pela entidade dos mortos que, desejando se comunicar com os vivos, não dispõem de outro meio inicial senão o de chamar a atenção com manifestações do tipo assombração, referido um outro caso muito recente do gênero, publicado no número de janeiro de 1935, na revista “Psychic Science”, na qual os fenômenos cessam após uma sessão mediúnica ocorrida no ambiente assombrado. Nesse caso, trata-se de um episódio muito moderado de assombração propriamente dita, não mais de “poltergeist”.

O caso é relatado resumidamente pelo diretor da revista trimestral em questão, engenheiro Stanley De Brath, o qual o toma de um livro publicado recentemente. No episódio vêm alterados os nomes dos protagonistas e isso por motivos que ficarão óbvios para os leitores. Eis o resumo do episódio:

“No último andar de um velho e alto edifício de Johannesburg (África do Sul), uma Empresa de Arquitetura muito renomada na cidade tinha o próprio escritório. Nós a denominaremos “Empresa Clarkes e Munroe”, acrescentando que ainda que eles fossem sócios da maior parte da construção empreendida, ambos reservavam para si a clientela que já possuíam, motivo pelo qual cada um operava por conta própria, sem dividir os recursos um com o outro.

“O engenheiro Munroe, tendo falecido sua esposa, e encontrando-se só, tinha mobiliado um cômodo do escritório e ali morava permanentemente.

“Mas ele logo veio a morrer. O cômodo do escritório que tinha ocupado não era necessário para a Empresa, por esse motivo foi tirada a mobília do escritório, deixando uma cômoda e um guarda-roupa que pertenciam ao defunto, e foi alugado a um jovem da região, que ficou por duas noites e depois foi embora.

“A segunda ocupante foi uma professora, que depois de uma noite recusou-se a permanecer ali.

“O terceiro ocupante trabalhava montando automóveis, e ficou ali três noites.

“Cada um deles tinha a contar a mesma história sobre rumores inqualificáveis, que consistiam no fato de a porta do guarda-roupa e da privada que abriam e fechavam com força, e das gavetas da cômoda, que saíam e voltavam estrondosamente. Mal se acendia a luz e cada barulho cessava, nada tendo sido alterado.

“Nessa contingência, um dia o filho do falecido, engenheiro Charles Munroe, telefonou para o médium Victor James, amigo seu, informando que o cômodo onde seu pai morou estava assombrado.

“Houve uma sessão no cômodo em questão, à qual assistiram o médium James, sua mulher, e o filho do falecido. De repente, como ocorre com o médium em questão, sobre a mesa começou a condensar uma nuvem luminosa de ectoplasma, que se colocou de um lado, assumindo a forma de um homem. Como era vaporosa, sua luminosidade permitia reconhecer naquela forma a imagem do falecido, o qual, entretanto, não falava, mas conseguiu trazer impressões à mente da Sra. James, pela mão de quem ditou a mensagem que ele desejava transmitir, a qual se referia a um cano de desenhos contendo o projeto de um edifício de dez andares para ser construído para um bazar, na rua dos Comissários. O filho Charles exclamou: “Mas isso é o projeto em que agora trabalha o arquiteto Clarkes. Ele, entretanto, fala dele como se fosse um projeto seu”.

Lenta e solenemente, a sra. James pronunciou as palavras: “Não, o projeto é meu. A Empresa construtora de tal edifício sempre foi minha cliente exclusiva. Eu terminei os desenhos do projeto inteiro há mais ou menos um ano, mas ficaram comigo para logo entregá-los por motivos particulares... O projeto concerne a meu filho Charles e não a Clarkes”.

“A pedido do médium Victor James, o falecido prometeu não mais provocar fenômenos de assombração naquele ambiente, acrescentando que, entretanto, desejava reencontrar e então indicar ao filho onde devem acabar os desenhos de seu projeto.

“Propôs-se, então, a ditar essa sua mensagem ao médium James, na casa dele. E assim foi feito no dia seguinte, informando que tinha encontrado os desenhos e pedindo que se fizesse uma sessão, fazendo intervir seu filho.

“Durante a sessão, o falecido ditou por meio de Victor James as informações precisas sobre o local onde se encontravam os desenhos.

“O filho ficou muito impressionado pelo que estava escrito, e no dia seguinte, no momento oportuno, foi ao escritório do sr. Clarkes para verificar o quanto havia de verdadeiro nos fatos revelados pelo seu pai, encontrando colocados ou escondidos atrás da mesa de desenho do engenheiro Clarkes os esboços, ou planos, as sessões e os altimétricos do fabricado em projeto, enquanto sobre a mesa de trabalho encontrou uma cópia quase idêntica dos desenhos paternos, que Clarkes pretendia apresentar como seus. Sem dizer nada, Charles Munroe se apropriou dos desenhos do pai, que estavam completos, e os apresentou imediatamente à Empresa interessada, que os examinou e aprovou com pequenas modificações, de modo que a nova construção não tardou em ser iniciada sob nome e direção do jovem engenheiro Charles Munroe, sem que o arquiteto

Clarkes ousasse reclamar: ele tinha compreendido.

“Resta dizer que o cômodo de que se trata está agora ocupado por um bancário, que está contentíssimo com o local e jamais reclamou de nada, nem de dia nem de noite”. (Ivi, p. 250-251).

Noto que no caso exposto a circunstância dos fenômenos de assombração seguidos de uma sessão mediúnica em que se manifestou o falecido que forneceu provas de identificação pessoal notáveis e conseguiu se fazer reconhecer mesmo em imagem, assume uma importância teórica de primeiríssima ordem na demonstração da presença real do morto comunicante. Considera-se, de fato, que se não fossem realizados anteriormente os fenômenos de assombração no ambiente em que viveu, nesse caso os opositores sistemáticos da hipótese espírita teriam observado que não podendo atribuir limites à telepatia, era lícito afirmar que o médium tivesse conseguido a informação verídica no subconsciente do sócio do falecido, o qual bem sabia que o projeto arquitetônico concebido e desenhado pelo falecido não era seu. Naturalmente, as pessoas de bom senso não teriam tido nenhuma validade para tal absurda e arbitrária extensão da hipótese telepática, extensão contradita pela lei da “relação psíquica” e por todas as experiências telepáticas até agora empreendidas. Mas, de todo modo, os opositores teriam igualmente triunfado, porque com isso propunham uma hipótese irrefutável, porque não demonstrável. E assim acontece constantemente com os opositores da hipótese espírita, que se valem sempre de hipóteses irrefutáveis porquanto não demonstráveis, e se viu recentemente o prof. Barnard publicar um volume refutando as interpretações espíritas dos fenômenos mediúnicos, nos quais, cada vez se encontra frente à dificuldade incomensurável do ponto de vista “anímico totalitário”, ele se lança tenazmente à hipótese da telepatia onisciente no passado e no presente, duas hipóteses

ultrametafísicas e não demonstráveis, que ficarão sempre impensáveis.

Mas eis que no caso aqui considerado nem mesmo tais hipóteses combinadas à telepatia onisciente poderiam ter razão e isso devido ao precedente assombrador ligado indissolivelmente à manifestação mediúnica de um falecido que viveu no mesmo ambiente. Vale dizer que tal precedente demonstra claramente como no caso em questão os fenômenos de assombração foram provocados pelo falecido com a intenção de atrair a atenção dos vivos e conseguir com isso a comunicação com o próprio filho, para adverti-lo que estavam tomando o fruto do trabalho paterno, objetivo que ele alcançou e logo cessaram os fenômenos de assombração. E aqui, ainda uma vez insisto sobre o fato da cessão imediata, conforma a promessa da entidade comunicante. Por que então cessaram tão tempestivamente? Por que o mesmo fato acontece em tantos casos análogos? Não seria essa uma preciosa prova de que os geradores dos fenômenos eram os mesmos mortos que depois de terem afirmado serem os autores, demonstravam-no com fatos, prometendo não mais recomeçar? Como, então, explicar toda essa ligação de eventos eloquentes no sentido espírita, recorrendo à hipótese telepática, ou a do subconsciente? Nenhuma dúvida de que tal ponto parece desesperado pelos “animistas totais”, mas, em todo caso, desejaria conhecer de que maneira eles refletem sobre situação similar, já que – seja dito com franqueza – para cada razão lógica, é fato que tal feliz combinação dos fenômenos de assombração, seguidas de manifestações mediúnicas valoradas por provas de identificação pessoal, manifestações que determinaram a cessão da assombração, o fato é que – digo – uma tal eloquente combinação de eventos leva a excluir inevitavelmente as hipóteses da telepatia e do subconsciente, enquanto as outras hipóteses às quais recorrem os

opositores em situações extremas: a da “quarta dimensão” e do “eterno presente”, não entram de modo algum em tais manifestações. Tem-se que, dessa vez, o triunfo do bom senso se diria assegurado.

Caso VI

Nesse outro episódio a cessão dos fenômenos de “poltergeist” não vem após uma sessão mediúnica tida no ambiente assombrado, mas porque aquele que nela morava adivinhou a causa e, como ia cumprindo com atraso uma promessa feita no leito de morte de um parente, determinou assim a cessão imediata da assombração. Como se vê, mesmo nessa outra variante diretamente relacionada à supressão dos fenômenos, concorre mais do que nunca válida para a demonstração da origem espírita.

Eu o tomo da *Proceedings of the S. P. R. de Londres* (vol. VII, p. 383) e vem investigado por Frederic Myers e pela sra. Sidgwick. O relator, sr. Bristow, tinha tomado nota dos eventos no momento em que aconteceram e valem para compilar o relatório enviado à referida sociedade. Myers se propôs a encontrá-lo e, confrontando o relatório com as notas tomadas, dia a dia, o mesmo durante a extrinsecação dos eventos, percebeu-os totalmente adequados. De sua parte, a sra. Sidgwick se encarregou de interrogar as duas testemunhas principais, obtendo plena confirmação dos fatos.

O relatório é longo e faz referência apenas a extratos essenciais. Os fenômenos ocorreram na vila de Swanland, nas imprensas de Hull, em uma oficina de carpintaria, na qual Sr. Bristow trabalhava como aprendiz. Ele relata:

“Na manhã em que se passaram os fenômenos, eu trabalhava em um banco ao lado do muro, de onde pude observar cada movimento dos meus dois companheiros e ver a porta de entrada.

“De repente, um deles se voltou bruscamente, exclamando: ‘Amigos, farão melhor se guardarem os pedaços de madeira para

vocês, ocupando-se de trabalhar’

“Pedimos explicação e ele respondeu: ‘Vocês sabem muito bem o que quero dizer: um de vocês me jogou aquele toco’; e assim dizendo mostrou um pedaço de madeira de uns quatro centímetros quadrados.

“Nós dois protestamos dizendo que não o tínhamos jogado e de minha parte eu estava certo de que o outro colega não tinha parado de trabalhar.

“A discussão logo acabou e foi esquecida; mas alguns minutos depois, o outro colega se voltou bruscamente como o primeiro, exclamando em minha direção: ‘Ora, foi você que me jogou aquele toco’ (apontando para seus pés, onde estava um toco do tamanho de uma caixa de fósforos).

“Eram dois a me acusar e minhas negações de nada adiantavam, quando acrescentaram: ‘Se não sou eu, suponho que se alguém está mirando, agora é minha vez’. Não tenho nem terminado a frase, outro toco de madeira me atingiu gentilmente no quadril. Exclamei: ‘Me atingiram! Aqui tem um mistério para resolver. Vamos olhar em volta!’.

“Revistamos cada canto do lado de dentro e do lado de fora, sem notar nada; e o caso estranho e constrangedor foi o tema de nossas conversas por algum tempo; então voltamos a trabalhar.

“Eu mal havia iniciado quando algumas persianas empilhadas em cima de vigas encostadas na parede começaram a se agitar de tal maneira que parecia que iam se partir em pedacinhos.

“Logo pensamos: ‘Tem alguém lá em cima!’. Peguei uma escada, subi e observei, mas somente para ver que as persianas estavam imóveis e cobertas por uma camada imperturbável de pó e de teia de aranha.

“Logo que desci e quando ainda me encontrava com a cabeça no

nível da madeira, vi um pedaço de dois dedos de espessura saltitar sobre uma coluna ali colocada e com um último salto de dois pés veio parar perto da minha orelha. Pulei para o chão gritando estupefato: ‘Não é brincadeira! É coisa sobrenatural. O que me dizem?’.

“Um dos companheiros concordou; o outro continuou a dizer que alguém estava brincando conosco. Enquanto discutíamos, do canto da oficina se elevou um pedaço de madeira que foi atingir o cético na cabeça. Jamais esquecerei a expressão do rosto dele e ele logo mudou de opinião.

“De tempo em tempo um pedaço de madeira trabalhado pouco antes e caído no chão saltava bruscamente nos bancos de trabalho e se punha a dançar em meio às ferramentas. É notável o fato de que apesar de inúmeras tentativas nossas, não conseguimos jamais colocar as mãos em um toco em movimento, uma vez que os tocos escapavam facilmente de cada uma de nossas estratégias.

“Lembro-me de um pedaço de madeira que saltou do banco sobre um cavalete distante cerca de três metros, daí saltando sobre outro móvel e então, em um canto da oficina, onde repousou tranquilo. Um outro pedaço de madeira atravessou a oficina como uma flecha, a altura de um metro do chão, golpeando uma porta, sem fazer barulho. Logo depois, um outro pedaço voou em ondas, como se flutuasse sobre um líquido agitado. E um outro voou em linha oblíqua, para depois parar em silêncio aos meus pés...

“Enquanto o chefe John Clark me explicava os detalhes de um desenho, e enquanto isso, tínhamos o dedo sobre o mesmo desenho, de modo que entre um dedo e outro haveria dois centímetros, o pedaço de madeira golpeou a mesa passando o meio de nossos dedos...

“O que aconteceu antes é um pequeno ensaio rigorosamente preciso do que aconteceu no primeiro dia das manifestações, e tal

estado de coisas perseverou com maior ou menor intensidade por seis semanas seguidas e sempre em pleno dia. Algumas vezes gozava-se de uma tranquilidade relativa por um ou dois dias, durante os quais se passavam um ou duas manifestações diárias; mas, em outros dias, aconteciam atividades atípicas, como se se quisesse recuperar o tempo perdido... Não será inútil acrescentar que todos os tocos de madeira, sem exceção, vinham de dentro da oficina, e que não veio nenhum da porta.

“Uma das mais estranhas características das manifestações consistia no fato de que os tocos de madeira que talhamos e deixamos cair se arrastavam nos cantos da oficina, de onde subiam ao teto de modo misterioso e invisível. Nenhum trabalhador e nenhum visitante, os quais estiveram naquelas seis semanas de manifestações, conseguiram surpreender um único se elevando. Entretanto, os restos de madeira, a despeito da nossa vigilância, encontravam esplendidamente o caminho de chegar ao alto, para depois cair em um ponto onde não havia nada antes. Pouco a pouco, acabamos por nos habituar com a coisa, e os movimentos dos restos de madeira, que pareciam vivos, e inteligentes em algumas circunstâncias, não mais surpreendiam e não mais chamavam a nossa atenção...”.

Em resposta à mesma pergunta de Myers, o senhor Bristow escreve:

“Não existiam relações entre as manifestações e as pessoas. Os operários da oficina trabalhavam frequentemente na casa privada e nós três, que estivemos presentes no primeiro dia das manifestações, trabalhamos repetida e alternadamente fora da oficina durante o período em que aconteceram; e mais de uma vez estivemos os três ausentes. O mesmo com os outros três operários, que estiveram ausentes sucessivamente durante as seis semanas de assombração.

Apesar disso, os fenômenos jamais pararam”.

Extraio este outro trecho do relato de Myers sobre conversa que teve com o sr. Bristow:

“Salvo em casos especiais, os projeteis caíam e golpeavam sem produzir barulho, ainda que voassem com tal ímpeto que, em condições normais, teriam provocado um forte golpe... Algumas vezes a direção dos projéteis era retilínea, mas muito frequentemente ondulatória, rotatória, helicoidal, serpenteante e saltitante... Muitos visitantes ficaram profundamente impressionados com as manifestações, mas quem ficou mais foi o proprietário da oficina – sr. John Gray – por uma razão particular. Um irmão dele morreu em condições econômicas ruins, o qual deixou um filho cujo nome era John Gray como o tio, e que foi acolhido como aprendiz na oficina, mas que adoeceu e morreu pouco depois.

“No lugar, dizia-se que os credores de seu pai não tinham recebido todo o dinheiro que lhes era devido (cerca de 100 libras esterlinas), e que o tio era responsável pelo fato. Além disso, fiquei sabendo que o último desejo do sobrinho era o de que o tio pagasse os credores de seu pai. Apesar disso, o tio não satisfez a vontade do defunto... posso testemunhar pessoalmente o terror que o tomou no início das manifestações. Um dia, levou-me consigo para alguns trabalhos e começou a me falar sobre os fenômenos, parecia desejar me ouvir dizer que poderiam ser explicados naturalmente. Seu comportamento era o de um homem petrificado pelo pavor e me convenci de que nada sabíamos sobre a pessoa que provocava as manifestações... Um dia, veio a notícia de que ele tinha pagado os credores do irmão e as manifestações cessaram imediatamente... Não foi colocada nenhuma lápide sobre o túmulo do sobrinho, mas com os fenômenos, o tio se pôs a cumprir até esse dever; e creio que a

lápide ainda exista no cemitério de Swanland”.

(Infatti, sra. Sidgwick obteve que no cemitério há uma lápide com o nome de John Gray, morto aos 22 anos de idade).

Myers, comentando esse último detalhe de um evento de morte relacionado a manifestações de assombração (detalhe que a sra. Sidgwick obtém confirmação de testemunhas interrogadas), exprime o que segue:

“Não há nesse caso ‘fenômenos intelectuais’, mas apenas um projetar inconcludente de tocos de madeira em cada direção por obra de uma inteligência qualquer, e com a intenção de atrair a atenção sem causar mal a ninguém. Entretanto, as testemunhas concordaram em julgar, provocadas por um homem morto recentemente, com o objetivo de aterrorizar um outro ainda vivo e induzi-lo a cumprir seu dever de consciência. E as testemunhas afirmam que o objetivo foi atingido e que cessaram as manifestações de assombração... Também é notável o fato de que a manifestação dos fenômenos parece nesse caso independente da presença de “sensitivos” especiais”.

Considerações sóbrias, medidas, destinadas a permanecerem em âmbito do que não poderia restringir-se a um processo analítico conduzido com sereno critério científico, mas que correspondem em tudo e valem a convalidar as argumentações do doutor Nandor Fodor, assim como minhas próprias conclusões.

* * *

Devo relatar alguns episódios de manifestações de mortos pouco depois de suas mortes, nas quais as manifestações assumem aspecto de fenômenos de assombração. Todavia, já reporte os melhores exemplos de tal natureza nas monografias e nos artigos que publiquei e não me parece o caso de repeti-los aqui. Devo, então,

limitar-me a citar alguns exemplos menos importantes, escolhidos dentre muitos que ainda não relatei. Afirmando ao mesmo tempo que nos casos de tal natureza se trata quase sempre de formas assombrosas muito atenuadas, mas frequentes, e isso de tal modo que se introduz o discurso de uma reunião mundana qualquer, encontram-se quase sempre pessoas que têm experiência.

O professor J. Jullig, na revista alemã: *Zietschrift für Parapsychologie*, de fevereiro-março 1933, relata dez casos, fazendo notar quanto a eles:

“Os fenômenos de ‘poltergeist’, como os de assombração post-mortem, ocorrem mais frequentemente do que se pensa, mas em sua maioria resultam de forma muito atenuada e fugidia para serem investigados, ou para serem reconhecidos enquanto tal, ou para não serem logo esquecidos. Geralmente, investigam-se apenas os casos de longa duração, com formas assombrosas impressionantes. Tais fenômenos parecem a princípio revestidos unicamente de um caráter tenebroso que se atribui à ‘entidade de mortos confinados’, mas não é assim e na verdade são igualmente frequentes as manifestações amigáveis e afetuosas, as quais, entretanto, quase nunca são publicadas...”.

E assim resulta também com base em análise comparada dos episódios em exame. Observo também que no caso de manifestações de assombração impressionantes, o que significa sempre que se trata de “entidades de mortos confinados”. Tudo concorre, ao contrário, para demonstrar como muito frequentemente isso aconteça porque os mortos se manifestam como podem, não como querem; vale dizer para atrair a atenção dos vivos são levados a se manifestarem de acordo com os fluidos e forças que encontram a sua disposição.

Eis um primeiro exemplo do gênero, na forma assombrosa atenuada mais comum.

Caso VII

Will Goldston, o célebre mago, recentemente publicou um volume de memórias intitulado: *A Magician's Swang Song* (O Canto do Cisne de um mago), em que se encontra um episódio do gênero aqui considerado, ocorrido com ele mesmo. Ele o tinha publicado anteriormente, quando ocorreu, na revista semanal *Tithit* (12 dez. 1931), na qual se tem que o suicida falecido foi seu inquilino e que um dia veio dizer que não poderia pagar o aluguel, ao que ele lhe respondeu: “Está bem, bom homem, não se preocupe. Você me pagará quando puder, e não pense mais nisso”.

No seu livro, reproduz o que já tinha publicado na revista e eis a narrativa:

“Para se convencer da sobrevivência, nem sempre é necessário recorrer a um médium. As provas muitas vezes se nos impõem espontaneamente. Há uns poucos anos, um comerciante que tinha alugado um escritório no último andar do edifício onde hoje trabalho (Green Street – Londres), suicidou-se se asfixiando com gás de hulha.

“Algumas semanas depois, eu me encontrava no escritório já tarde da noite, inteiramente absorto em um trabalho importante. De repente fui distraído por um eco de passo pesado que vinha das escadas. Eu bem sabia que naquela hora o portão do edifício estava fechado e trancado, então era improvável que um inquilino de algum outro escritório viesse trabalhar aquela hora. Fui até as escadas, gritando: ‘Quem está aí? O que deseja?’. Eu ouvia sempre os passos pesados que pareciam ter alcançado o último andar, por isso renovei o chamado. Não recebendo resposta, corri pelas escadas com uma lamparina elétrica: não havia ninguém e todas as portas estavam

fechadas.

“Voltei ao escritório e retomei o trabalho. Logo depois, ouvi novamente os mesmos passos pesados que desciam a escada. Corri novamente para a escada, mas inutilmente, porque não havia ninguém. Então, comecei a imaginar do que se trataria e quando andava, estava sempre em posse de uma lamparina elétrica.

“Algumas noites depois, repetiu-se a mesma experiência. E, em seguida, repetiu-se tantas vezes que quando eu estava no escritório tarde da noite e ouvia ecoar os passos assombrosos, não mais prestava atenção.

“Outro fenômeno curioso foi este: quando tarefas urgentes me obrigavam a prolongar excessivamente minha permanência no escritório, acontecia de sair advertindo três ou quatro pancadas no encosto da minha cadeira. O fato ocorreu numerosas vezes durante aquele inverno em que tive um trabalho enorme para fazer; e eu me persuadi de que aquelas pancadas eram dadas para me advertirem de que eu já tinha trabalhado bastante naquele dia...

“Finalmente, uma noite fui surpreendido com um tremendo barulho, como de um trovão, diante da porta do meu escritório. Chamei: nenhuma resposta... Por alguns instantes, fez-se silêncio; então, veio uma batida fortíssima na porta interna do meu escritório, não mais sobre a outra porta que dá para o corredor da escada. A potência do golpe foi tal que o meu sobretudo, que estava pendurado em um cabide fixado à porta, agitou-se visivelmente. Falei com a entidade que se manifestava naquele momento.

Nenhuma resposta. Mas a batida não mais se repetiu e daquele momento em diante não ouvi nem pancadas, nem passos pela escada. Por quê? Naturalmente, nada se pode ter de positivo quanto a isso, mas eu entendo sempre que aquela grande pancada final batida na porta equivaleria a uma expressão de saudação: seria

presumivelmente seu último adeus. O espírito errante do suicida, vinculado temporariamente ao local onde tinha cometido o ato insano, tinha finalmente encontrado a paz. “Essa ao menos é a explicação que me parece mais satisfatória”.

Assim conclui o expectador dos fatos e me parece difícil encontrar uma explicação melhor do que a da presença do espírito do suicida no local, o qual se esforçava, como melhor podia, para se manifestar a quem se mostrou generoso com ele. Explicações que apareciam mais que nunca plausível se não se esquece de que os casos de tal natureza não vão jamais considerados em estado isolado, mas cumulativamente a todos os outros análogos, entre os quais são frequentes os casos em que se passam manifestações inteligentes de todo tipo e provas de identificação dos mortos que se manifestam. E se assim o é, se nos ambientes em que aconteceram tragédias ou suicídios, ou até simples mortes naturais, realiza-se frequentemente o fato da manifestação espontânea dos fenômenos de objetos, ora em forma de fantasmas bem frequentemente reconhecidos por quem pode vê-los ou, melhor ainda, desconhecidos por quem os vê, mas reconhecidos quando vistos em retrato. Se assim o é, e se tal fenômeno se realizou constantemente através dos séculos, logicamente se conclui pelos termos acima referidos, ou seja, que os espíritos dos mortos existem realmente e podem às vezes se manifestarem para os vivos em circunstâncias especiais, não como querem, mas como podem, de acordo com os fluidos e as forças que estão a sua disposição.

Por outro lado, pergunta-se como entra a telepatia nos casos de mortos que continuam a se manifestar por meses e anos depois de sua morte? E como entram em tudo isso as hipóteses da “psicometria de ambiente” e da “persistência das imagens” no momento em que tais fantasmas perambulam livremente pelos locais e se mostram

positivamente inteligentes, assim como conscientes do ambiente em que se encontram, observando os vivos, citando-os, ou mesmo conversando com eles? E de que modo entra a hipótese da “telecinesia” pura e simples nos fenômenos físicos de batidas, estrondos e lançamento de objetos, quando tais fenômenos vêm dirigidos por uma inteligência que muito frequentemente se comporta de modo sobrenatural, como quando os projeteis que golpeiam as pessoas não fazem nenhum mal, enquanto quebram louças quando golpeiam?

Isso posto, reconheço que a análise psicológica das convenções humanas mostra que o ambiente em que se vive e os conhecimentos assimilados em longos anos de estudos dominam de tal modo a orientação do pensamento que os fatos mais evidentes não bastam para converter quem está equivocado. O que, então, é preciso para cessar o misoneísmo humano? Eis: pelo que diz respeito às manifestações de assombração, observo que uma coisa é ler, outra é assistir. Aquele que lê, se tem uma mentalidade tomada de preconceitos, ficará perplexo por um instante, para logo depois esquecer e voltar mais negativo do que antes; mas, se o mesmo indivíduo tiver assistido a uma manifestação de tal natureza, não duvidaria mais, uma vez que semelhante experiência anula qualquer preconceito.

Eu digo isso por experiência própria. Em setembro de 1907, suicidou-se um íntimo e caro amigo meu, por excesso de orgulho. Ficou afundado em um desastre financeiro e, temendo não poder cumprir com os próprios compromissos (o que não aconteceu), preferiu a morte. Eu fui o “executor testamentário”. Logo depois da morte, surgiram graves contestações entre os herdeiros e, por ordem do Tribunal, foram colocados “lacs” na porta da casa. E isso é um detalhe importante para o que aconteceu um mês depois. Era

indubitável que naquele apartamento não poderia penetrar ninguém sem romper os “lacs” presos nos batentes das portas.

Todavia, cerca de um mês depois, uma família inglesa que morava no andar de baixo tiveram que afastar rapidamente para impedir que os trabalhadores, entre os quais uma ama de leite, abandonassem imediatamente. E isso porque durante a noite se ouviam cadeiras e móveis do apartamento acima arrastarem pelo quarto, junto a passos pesados que faziam o teto vibrar. As oito famílias que ali moravam fizeram uma grande confusão e queriam ir embora apesar dos contratos de locação. Fui informado sobre tudo pelo porteiro. Mas, quando tentei tomar testemunhas para um relatório, fui chamado pelo advogado do proprietário, o qual me proibiu com palavras duras de falar ou de escrever, sob ameaça de um processo por danos, com sequestro preventivo e outros meios legais que me deixaram aterrorizado. E essa é a razão pela qual renunciei a publicar um relatório dos fatos. Ora, após transcorridos vinte e oito anos, ousou procura-lo, esperando que não me falte com a lei. No subúrbio de Genova, onde ocorreram os fatos, ainda se fala disso, mas... eu não nominarei.

Concluindo: o que me importa dizer quanto ao triste evento em questão é a repercussão psicológica sobre meu ânimo. Naquela época, eu me ocupava já de dezessete anos de pesquisas psíquicas e eu tinha uma centena de notas de fatos em tudo parecidos com o exposto. Entretanto: foi para mim como se não tivesse nunca sabido que tais fenômenos aconteciam, tão profunda e indelével a impressão que tive, impressão combinada à certeza absoluta de que quem se manifestava daquele modo era o meu infeliz amigo. E eis por que disse, no início, que uma coisa é ler, e outra bem diferente é assistir pessoalmente aos fenômenos de manifestações de mortos pouco depois da sua morte e de qualquer forma em que ocorra.

Que fique entendido: reconheço que se pode chegar a uma convicção científica quanto à sobrevivência que resulta exclusiva e solidamente fundamentada na experiência de outros; o que se pode obter coletando e classificando manifestações sobrenaturais de todos os tipos em número adequado, para então aplicar às mesmas os métodos de investigação científica da análise comparada e da convergência das provas. Esta última eu já cumpria naquela época, com a consequência de que já possuía uma convicção racional e científica no sentido indicado. Contudo, ela parece muito diferente da outra, pois era uma fria aquisição do intelecto ainda não penetrado nos recessos da personalidade integral subconsciente, onde amadurecem as convicções inacreditáveis por efeito do elemento emocional que o vitaliza, elemento que se revelou em toda sua eficiência quando me aconteceu de assistir pessoalmente ao desenvolvimento de uma manifestação de indubitável caráter de intervenção post-mortem de uma pessoa que me é cara. A intervenção era presumivelmente determinada pelo desejo ansioso do morto de comunicar com os vivos a fim de reivindicar o próprio direito de testador, direito transviado pelos sofisticadas sutilezas de um advogado sem escrúpulos, o qual, acima de tudo, venceu a partida. Noto, então, que o motivo da manifestação de “assombração” a que assisti resultaria idêntico ao relatado anteriormente, de um arquiteto falecido, de cujo filho queria roubar o fruto do trabalho paterno (caso XVII), e de outro, onde um tio não tinha mantido a promessa feita no leito de morte do sobrinho (caso XVIII).

Isso posto, advirto que estou bem longe de esperar que os outros se convençam com base no que aconteceu a mim mesmo. A única intenção é simplesmente expor as condições psicológicas determinadas em mim no caso de “assombração” em que me encontrei diretamente envolvido em função de “executor

testamentário”.

Caso VIII

Extraio-o da revista alemã *Zeitschrift für Spiritismus*, de 23 de julho de 1910, e se trata do fenômeno das “campainhas que tocam espontaneamente”, fenômeno que nesse caso se iniciou – digamos assim – telepaticamente, vale dizer, no momento da morte trágica de uma pessoa distante, para então se repetir diariamente por quarenta dias.

Uma distinta dama da alta sociedade de Pietroburgo dito pelo diretor da citada revista, recolhe a narrativa da boca de duas senhoras protagonistas, conhecidas suas. Ela relata:

“A senhora Radjoschda Pawlowna Asuroff relata que no outono passado o tenente M. do exército russo, grande amigo da família, morreu tragicamente em uma caçada nos arredores de Pietroburgo.

“O tenente M. estava de guarnição na Finlândia e quando as exigências do serviço permitiam, vinha a Pietroburgo passar as horas de licença na família Ausroff.

“Na ocasião de uma de suas últimas visitas, ele tinha notado que a campainha da porta de casa não estava funcionando e jocosamente tinha dito que se encarregaria de fazê-la funcionar quando morresse, como se diz de vez em quando.

“Aquilo fez sorrir mãe e filha. Naquele meio tempo, o tenente tinha examinado o mecanismo da sonagem, conseguindo fazê-la funcionar novamente.

“Depois de transcorridos alguns dias, o tenente M. voltou a visitar a família Asuroff e as senhoras em questão revelaram que ele tinha um ar preocupado, com um véu de tristeza dominante e contrastante com seu caráter jovial, ficava constantemente reservado e

melancólico. Quando chegou o momento de se despedir, anunciou que no dia seguinte deveria participar de uma grande caçada e o falou suspirando tristemente, tomado de viva emoção.

“Ao se aproximar da soleira da porta de casa, a senhora Asuroff, a título de diversão, disse, sorrindo: - Tenente, devo dizer que a campainha elétrica novamente quebrou.

“Ele respondeu: - Cara senhora, eu já disse que a campainha soará novamente, de modo especial, para anunciar a novidade da minha morte. Não me resta senão repetir tal presságio.

“Dessa segunda vez, a frase jocosa foi pronunciada com tom dramático, mas foi acolhida do mesmo modo com risos pelas pessoas presentes, especialmente pelas duas senhoras em questão.

“No dia seguinte, uma bonita manhã, o tenente foi à caçada.

“Depois do meio-dia, a senhora Sofia Nicolajewna Asuroff estava na sala de jantar, absorta numa leitura, quando a porta se abriu bruscamente. Olhou e ficou estupefata em ver na soleira o tenente M., que se apoiava com a mão esquerda na porta, enquanto o braço esquerdo, com a mão esfacelada e sangrando, caía ao longo do corpo. No quadril e no peito o sangue saía abertamente nas duas feridas.

“Aterrorizada, a senhora Asuroff gritou de pavor e a aparição se esvaiu.

“Na mesma hora, o tenente M. tinha sido atingido por um tiro no quadril e no peito, que tinha esfacelado até a mão direita. O ferido foi transportado imediatamente para o hospital de Pietroburgo e cuidado amorosamente com todos os recursos da ciência, mas, depois de alguns dias de atroz sofrimento, piorou e se extinguiu tomado de penosíssima agonia.

“Naquele preciso momento, a noiva do tenente, com a mãe, estavam na casa Asuroff, e a conversa girava sobre o tremendo acidente de caça que vitimou o tenente, quando de repente a

campainha elétrica começou a soar com um volume extraordinário e simultaneamente a campainha do telefone.

“Pouco depois veio um enfermeiro do hospital informar aos parentes a morte do tenente e se notou que a hora da morte coincidia exatamente com o fenômeno das campainhas que tocavam espontaneamente... Mas isso que parece mais do que nunca extraordinário é o fato das campainhas que voltavam diariamente a tocar forte e longamente, persistindo por 37 dias, sem causa aparente. Depois, cessaram por três dias, então retomaram fortissimamente pela última vez. Ou seja, cessaram no quadragésimo dia da sua morte e cessaram na mesma hora em que ele morreu...

“O extraordinário evento, como todas as suas particularidades altamente sugestivas, imprimiu-se de modo indelével nas memórias da família Asuroff e é com emoção profunda que falamos disso entre eles”.

O diretor da revista faz essa pequena nota:

“Admite-se na tradição de muitos países, mas especialmente na Rússia, que o espírito dos mortos, antes de subir à esfera espiritual, fica no ambiente terreno por um período de quarenta dias, como se narra sobre Jesus de Nazaré”.

“No interessante caso exposto é notável a circunstância de que as especiais manifestações analisadas nesse terceiro capítulo do meu trabalho, ou seja, as manifestações de “assombração” pouco depois da morte, foram precedidas de quatro incidentes diferentes de ordem sobrenatural. Em primeiro lugar, o incidente da promessa feita pelo morto de se manifestar para os presentes na hora da morte realizando um dado fenômeno, promessa repetida duas vezes e rigorosamente cumprida. Em segundo lugar, o incidente do pressentimento de morte iminente, pressentimento que apesar de apresentado de uma forma emocional, não deixa de ser

positivamente um pressentimento de morte acidental realizado. Em terceiro lugar, há dois casos notabilíssimos de telepatia, o primeiro deles se desenvolve de forma fantomática e no momento preciso em que o protagonista do fenômeno era mortalmente ferido, com o importante detalhe de o fantasma reproduzir as condições em que se encontrava no instante, o corpo esfacelado; enquanto o segundo caso se apresentava sob a forma física das campainhas que tocavam no momento da morte, conforme a promessa feita enquanto estava vivo.

E tais incidentes sobrenaturais se tornam ainda mais interessantes quando reagrupados em um único caso, acrescentando-se o último incidente de longe o mais importante de todos, consistindo no fato das campainhas que depois de terem tocado no instante da morte da protagonista, persistiram diária e longamente por outros quarenta dias. Este último incidente, como já dito, pertence a um gênero que exclui cada possibilidade teórica de explicação com a hipótese telepática, subconsciente e telestésica. Considere-se, antes de mais nada, que existia um médium no ambiente em que se passou o fenômeno. De onde então tirava a força telecinésica necessária à manifestação do fenômeno? Concebo que se o fenômeno fosse limitado a acontecer no momento da morte de quem o tinha anunciado enquanto vivo, poder-se-ia dizer inferir que a força telecinésica foi fornecida à distância na crise preagônica do morto. E, está bem: mas e nos sucessivos quarenta dias, quem proveu? Evidentemente, a mesma personalidade não mais viva, e sim sobrevivente, a qual tinha querido persistir enquanto estivesse em ambiente terreno, e isso logicamente para provar a seus caros que a morte não existe. E, presumivelmente, tinha obtido o resultado subtraindo forças e fluidos das pessoas vivas no ambiente em que se manifestava, assim como aconteceu na sessão experimental em que a personalidade mediúnica subtrai forças e fluidos de todos os

experimentadores.

Noto, enfim, que o fenômeno das campainhas que tocavam por quarenta dias não pode ser aplicado à hipótese telepática, subconsciente e telestésica (entendida no sentido de faculdade psicofísica privada de atributos transcendentais); o mesmo para os quatro episódios sobrenaturais que o precederam. Episódios que na falta do último fenômeno, teriam podido ser explicados no sentido circunscrito acima indicado, enquanto que, se se consideram unidos, eles emergem em sua qualidade de provas complementares a favor da tese espiritualista. Reflete-se, de fato, que se o último fenômeno prova indiscutivelmente a intervenção post-mortem de um defunto, então os outros, embora não deixando de serem “anímicos”, trazem o complemento de prova necessário à interpretação espiritualista de todos os fenômenos metafísicos, demonstrando que no subconsciente humano existem preformados, em estado latente, as faculdades de sentidos espirituais, esperando emergir e se exercitarem em ambiente apropriado, depois da crise da morte, assim como no embrião existem preformados, em estado latente, as faculdades de sentido terreno, esperando emergir e se exercitarem em ambiente apropriado, depois da crise do nascimento. Ou, em outros termos, os quatro episódios em questão demonstram que o homem é um espírito mesmo quando encarnado; verdade que esta que os “animistas totais” acreditam ter eliminado.

Caso IX

Termino citando um caso muito conhecido porque foi recentemente publicado em revistas e jornais, mas que não posso me eximir de trazê-lo nessa breve classificação, sobretudo devido ao eminente personagem que o relata, o qual foi santificado pelo Vaticano nesses últimos tempos. Com isso, estou falando de São Giovanni Bosco. Se o caso com ele mesmo ocorrido, e análogo aos aqui considerados, fosse narrado por um biógrafo, teria seu valor provativo bastante diminuído, mas como é ele mesmo que escreve, as coisas mudam de figura, e o caso se impõe à atenção dos investigadores de modo todo especial. O episódio contém um volume intitulado Acenos sobre a vida de Giovane Luigi Comollo, volume publicado no mesmo Don Bosco. Esta é a narração do fato: “Parece-me oportuno observar que a razão pela qual a morte do Comollo causou grande impressão foram duas aparições do mesmo, após sua morte. Limito-me a expor uma, da qual foi testemunha um dormitório inteiro, acontecimento que fez grande barulho dentro e fora do seminário. Essa visita extraordinária aconteceu com um companheiro, de quem Comollo era amigo quando vivo. Eis o modo como o companheiro narra o fato (o “companheiro” que o autor, por humildade, cita em terceira pessoa, sem nominá-lo, era Don Bosco).

“Nas nossas relações de amizade, seguindo o que tínhamos lido em alguns livros, acordamos de pregar um para ou outro, e que aquele que primeiro fosse chamado à eternidade, traria notícias do outro mundo. Muitas vezes confirmamos a promessa, sempre colocando a condição a de Deus dar a permissão e de ser de Seu desejo. Tal coisa foi feita como uma puerilidade, sem conhecer a importância;

entretanto, entre nós sempre se leva a sério a promessa sacra e o fato de mantê-la. No curso da doença de Comollo, renovou-se a promessa e, quando ele morreu, esperamos o cumprimento, não só eu, mas também alguns companheiros que foram informados.

“Era a noite de 4 de abril, noite que seguia o dia de sua sepultura, e eu repousava ao meio-dia com alunos do curso de teologia naquele dormitório que dá para o pátio. Estava na cama, mas não dormia e estava pensando na promessa feita, e quase pressenti o que estava para acontecer, tomado por uma sensação de medo. Quando no bater da meia-noite ouviu-se um barulho no fundo do corredor, barulho que ficava mais sensível, mais sombrio e mais agudo na medida em que se aproximava. Parecia de uma carroça, um trem de ferrovia, e quase de um disparo de canhão. Eu não saberia expressar senão dizendo que formava um complexo de sons tão vibrantes e de um certo modo tão violentos a ponto de causar grande pavor a calar a boca de quem escutasse. Mas naquilo que se aproximava, deixava atrás de si rumorosas as paredes, o teto, o chão do corredor, como se fossem construídos de partes de ferro sacudidas por braço fortíssimo. Sua aproximação não era sensível a ponto de se poder medir a diminuição da distância, mas deixava uma incerteza como deixa um vapor, de modo que não se consegue saber onde se encontra em seu curso.

“Os seminaristas daquele corredor se levantaram todos, mas ninguém falou nada. Eu estava paralisado de medo. O barulho avança, mas sempre mais apavorizante; chegou ao dormitório; abriu violentamente a porta; continuou mais veemente o barulho sem que se visse nada, exceto uma languida luz, mas de várias cores, que parecia regular o som. Em um dado momento, de repente ficou tudo em silêncio, a luz ficou ainda mais forte e se ouviu distintamente a voz de Comollo, que, chamando três vezes consecutivas pelo nome o

companheiro, disse: - Estou salvo!

“Naquele momento o dormitório ficou ainda mais luminoso; o barulho que tinha acabado de cessar se fez ouvir muito mais violento, quase destruindo a casa, mas logo cessou e cada luz desapareceu.

“Os companheiros saíram da cama e fugiram sem saber onde. Alguns ficaram em algum canto do dormitório, outros foram para perto de Don Giuseppe Fiorito da Rivoli. Todos passaram a noite esperando ansiosamente o retorno da luz do dia.

“Eu sofri demais e foi tal o meu pavor que naquele instante teria preferido morrer. Daí começou uma doença que quase me levou para o túmulo e me deixou um pouco mal de saúde, de modo que não pude mais recuperar-me senão muitos anos depois.

“Deixo a cada um dos leitores fazer dessa aparição o julgamento que acreditar, advertindo primeiro, no entanto, que depois de tantos anos ainda há entre os vivos, testemunhas dos fatos. Eu me contento de tê-lo exposto em sua inteireza, mas recomendo a todos os meus jovens a não ter tais convicções, porque, em se tratando de relacionar as coisas naturais às sobrenaturais, a pobre humanidade sofre muito, especialmente em coisas não necessárias a nossa salvação”.

Até no interessante episódio exposto, releva-se a existência de um pacto combinado entre dois jovens, combinado que aquele que dentre eles primeiro morresse se manifestaria para o outro. E também nesse caso o pacto vem rigorosamente mantido, como de resto acontece e acontece com relativa frequência nos pactos de tal natureza, os quais concorrem por si próprios a demonstrar eloquentemente a sobrevivência do espírito humano. Entretanto, em tais casos o cumprimento do pacto consiste normalmente na aparição do morto ou em uma “voz subjetiva”, ou “direta” que fala ao

percipiente, ou em fenômenos físicos de natureza simples, acordados com antecedência, como batidas próximas ao percipiente ou o retrato do morto que se destaca e cai no chão, ou as impressões táteis características do morto, ou as campainhas que tocam sem parar, e por aí vai. Mas é raríssimo que os pactos de tal natureza tenham sido combinados como manifestações de verdadeiro fenômeno de assombração do tipo clássico, que resultam no caso em exame barulhos multiformes e apavorantes, que precedente e sucessivo ao fenômeno da “voz direta”, e o bater repentino e barulhento da porta, fenômenos que eram reais, não subjetivos, pois foram observados por alunos de um dormitório inteiro, enquanto é notável o estrondo infernal observado pelo relator, não sendo possível localizá-lo, pois que essa é precisamente a característica dos barulhos assombrosos. Isso estabelecido, surpreende sobretudo o fato de que quem assim se manifestava era o espírito de um jovem que viveu pura e cristãmente.

Comentando antes uma observação do prof. J. Jillig, eu disse que os fenômenos de aparição assombrosa como se realizavam às vezes depois de um evento de morte nem sempre devem ser considerados como provas da presença de “entidade de mortos confinados” ou de “almas penadas”, e esse episódio é adequado para confirmar o dito.

Eu tinha dito também que presumivelmente o fenômeno poderia se realizar devido a duas circunstâncias, uma complementar a outra; isto é, é preciso antes de tudo reconhecer que os mortos se manifestam como podem, não como querem, quer dizer, de acordo com os fluidos mais ou menos densos ou refinados que encontram a sua disposição. Então, deve-se admitir o que apareceu nos comentários do caso XV, e a propósito do que acontecia na experiência do reverendo Stainton Moses, onde a existência de fluidos excessivamente exteriorizados obstaculavam as

manifestações de ordem elevada, pelo que o “espírito-guia” Rector se encontrava em necessidade de se liberar o quanto antes, em manifestações físicas barulhentas. Se se aceita essa explicação, deve-se inferir que os fluidos exteriorizados em um dormitório de jovens de vinte anos, são e robustos, resultavam de tal modo exuberante que fez com que fosse necessário exauri-los de algum modo (como aconteceu na sessão de Moses), tarefa presumivelmente assumida pelas entidades espirituais que assistiam o jovem morto pronto para se manifestar com a “voz direta”. Nesse caso, no entanto, dever-se-ia inferir que entre aqueles seminaristas se encontrasse um sensitivo capaz de servir como centro de condensamento dos fluidos exteriorizados. Todavia, tal sensitivo deveria ser o próprio Don Bosco, visto que em sua biografia se lê que quando jovem esteve sujeito por três anos a formas reais de assombração persecutória pessoal que, naturalmente, ele e outros atribuíam ao demônio, mas que atribuiremos, ao invés disso, a espíritos pouco evoluídos que, tendo encontrado a sua disposição, fluidos exteriorizados, valiam-se destes para perpetrar brincadeiras de mau gosto àquele que lhes forneciam os fluidos.

O teólogo E. Ceria, no livro: Don Bosco com Deus, assim relata:

“Quanto à guerra engajada pelo demônio contra Dom Bosco, nós possuímos boletins oficiais redigidos durante todo o curso da primeira fase; o que basta para fornecer uma ideia de toda a campanha, que durou três anos. O demônio exercitava sobretudo a própria influencia contra o servo de Deus, impedindo-o de dormir. Às vezes era uma voz que gritava em seus ouvidos até ensurdecê-lo, outras vezes eram rajadas de vento que o envolviam em turbilhão... Mal se deitava, uma mão misteriosa puxava a cobertura para si lentamente, até os pés, e, se ele a puxava de volta, pouco depois recomeçava. Quando acendia uma vela, o fenômeno cessava, para

recomeçar logo que ficasse escuro. Uma vez, a vela foi apagada por um sopro de vento que vinha não se sabe de onde. Se ele adormecia, o travesseiro se agitava em baixo de sua cabeça... ou mesmo a cama mexia, ou a porta rangia como se atingida por uma rajada de vento impetuosa. Os estrondos aterrorizantes no teto davam a ideia de numerosas todas de carros desenfreados. Algumas vezes, eram gritos desesperados que ressoavam no ar... Um padre corajoso quis velar no quarto, mas à meia-noite explodiu um estrondo infernal que o fez fugir rapidamente...”.

Parece-me que o parágrafo citado basta para demonstrar que se o caso das manifestações post-mortem do falecido Luigi Comollo assumem um caráter de assombração, o que se deve às faculdades mediúnicas possuídas pelo próprio Don Bosco, faculdades que eram combinadas à circunstância de se encontrar em um dormitório de jovens de vinte anos, adormecidos, que forneciam fluidos vitais em excesso, obrigando os “espíritos coadjuvantes” do morto, o qual vinha para o cumprimento de uma promessa, a dispersar o excesso de fluidos provocando fenômenos violentos (como, em análoga circunstância, o “espírito guia” de Moses tinha explicado), a fim de que o falecido Comollo conseguisse se manifestar com a “voz direta” ao amigo.

Por outro lado, não é adequado o caso de observar ao reverendo teólogo E. Ceria que, se fosse verdadeiro que quando o jovem Don Bosco foi pessoalmente assombrado por manifestações análogas, encontrava-se na presença de “uma guerra engajada pelo demônio contra o futuro santo”, então em tal caso os fenômenos análogos de assombração que precederam ao cumprimento da promessa feita em vida pelo falecido Comollo deveriam, por sua vez, ser atribuídos logicamente ao demônio, visto que resultam idênticos no caso específico, e muito diferente dos anjos em si.

Do ponto de vista geral, referente aos casos da terceira parte desse estudo comparativo, na qual se contemplam as relações existentes entre os fenômenos de assombração e as modalidades assumidas pelas manifestações de mortos logo depois da morte, observo que o caso em exame é único, que eu saiba, no qual as características de assombração tenham assumido formas clássicas de terror, lá onde normalmente – como já dito – se realizam fenômenos de tipo assombrador nas circunstâncias indicadas, eles resultam constantemente muito atenuados. Daí se tem que o caso exposto – excepcional pelas razões colocadas – vale para confirmar mais do que nunca eficazmente a tese contida nesse trabalho sobre as relações existentes entre os fenômenos de assombração e as manifestações mediúnicas experimentais e espontâneas.

Conclusão

Termino reassumindo na forma de síntese conclusiva o que se vem expondo de mais notável nessas paginas.

Convém, antes de tudo, voltar o esquema do presente capítulo, no qual eu me propunha a demonstrar que os fenômenos de assombração em gênero resultam da mesma natureza dos que se obtinham experimentalmente nas sessões mediúnicas e isso a ponto de que eram casos de manifestações mediúnicas experimentais que se transformavam em fenômenos de assombração, ou de “poltergeist”, e outros casos em que acontecia o fenômeno inverso, em que os fenômenos de assombração se transformavam em manifestações mediúnicas experimentais. Outros ainda em que os fenômenos de assombração cessavam para sempre após uma sessão mediúnica tida com esse objetivo, no ambiente assombrado, ou cessavam após o cumprimento atrasado de uma promessa feita no leito de morte e não mantida. Enfim, notavam-se numerosos casos em que se manifestavam irrupções de assombração no ambiente em que há pouco tempo tinha acontecido um suicídio ou um delito, ou até, mais raramente, uma morte natural.

Nenhuma dúvida de que em tal impressionante reagrupamento de tantos fatos de diferentes tipos, todos convergindo para a demonstração de que os fenômenos de assombração e os mediúnicos eram transformáveis, convertíveis, reversíveis uns nos outros, equivaleria cientificamente para a prova de tal fato, o que tinha por consequência provocar um sobressalto nas investigações das causas. Considera-se de fato que de tal fusão das duas ordens de manifestações surgem combinações de episódios eloquentes, de

modo a subverter sua interpretação teórica, no sentido de que se os episódios então considerados separadamente pareciam suscetíveis de serem interpretados com hipóteses naturalísticas, quando combinadas conjuntamente, porém, excluía as hipóteses naturalísticas.

Assim, por exemplo, os fenômenos de campanhas que tocam no momento da morte acontecida à distância, poderiam por si só se explicar com a hipótese da telepatia combinada com a telecinesia, mas, como o fenômeno das campanhas se prolongou por outros quarenta dias, daí se tem que as hipóteses em questão devem ser excluídas, obrigando a aderir à espiritualista.

Ainda: se se quisesse arbitrariamente dividir o episódio em questão em duas manifestações diversas, uma advinda do momento de uma morte à distância e outra de “poltergeist”, que foram campanhas que tocaram fortemente por quarenta dias, em tal caso, querendo considerar separadamente, conseguiria que o primeiro fenômeno – como já disse – resultaria interpretável com a hipótese telepática e telecinésica combinadas, enquanto hipóteses naturalísticas; e o segundo resultaria igualmente interpretável com a hipótese naturalística dos fenômenos de “poltergeist” determinados por uma força telecinésica exteriorizada pelos vivos do ambiente. Mas eis que se se considera, ao invés disso, o episódio na sua continuidade e unidade indissolúvel, então tudo muda. As hipóteses acima indicadas são resolutivamente excluídas e se é obrigado a concluir que se na primeira realização do fenômeno a força telecinésica à distância provinha do enfermo que ainda estava vivo, então a continuação do mesmo fenômeno por quarenta dias deveria vir da mesma individualidade sobrevivente à morte do corpo. E a circunstância da promessa feita anteriormente pelo morto, de tentar a prova das campanhas na hora de sua morte, confirma e reforça tal

interpretação.

Assim, quando no caso comigo ocorrido, realizaram-se fenômenos de assombração no apartamento em que tinha acontecido o suicídio, apartamento desabitado e com lacres pregados nos batentes da porta, tratava-se logicamente de concluir que a gênese dos fenômenos deveria ser atribuída ao falecido que sobreviveu à morte do corpo, visto que os lacres de metal no batente da porta excluía a hipótese de uma brincadeira de mau gosto e que a circunstância do apartamento desabitado excluía a hipótese da presença de um sensitivo que exteriorizasse fluidos e força, enquanto não se podia também recorrer à gratuita hipótese da transmissão à distância de força psíquica da parte de algum sensitivo que se ignora, visto que fenômenos de tal natureza nunca tinham acontecido naquela casa e que não se saberia verdadeiramente por que teriam ocorrido em um apartamento desabitado e coincidindo com um suicídio ali ocorrido. Por outro lado, se se considera que na casuística mediúnica há em grande número casos análogos a este exposto, com base nos quais se apreende que nos ambientes em que há um suicídio ou assassinato, realizam-se muitos – em intervalos de uns quarenta dias – fenômenos de assombração de gênero idêntico ao que temos aqui. Eis que com isso se tem uma ótima prova complementar para convalidar uma outra dedução ao fio de lógica dos fatos, a qual impunha por si só, de apoiar a única hipótese capaz de explicar o complexo dos fatos: a espiritualista.

E quando se tem o fato de um arquiteto falecido (caso V), o qual, depois de ter produzido fenômenos de assombração no ambiente em que viveu, e dessa vez com o objetivo indubitável de atrair a atenção dos vivos e conseguir com isso advertir o próprio filho que estavam tirando dele o fruto do trabalho paterno. E, quando no mesmo fato se tem um outro eloquentíssimo, o de que logo que foi atingido o

objetivo, cessaram para sempre as manifestações de assombração, em tal caso há necessidade de reconhecer que as manifestações de assombração foram um meio para atingir o objetivo felizmente alcançado. Quem, então, o tinha provocado tal objetivo? Evidentemente, o morto que se afirmou presente, no momento que ele revelou uma informação pessoal verídica ignorada por todos os presentes. Pergunta-se ainda uma vez em que entra em tudo isso a hipótese de fraude, de telepatia, da telecinesia, da alucinação, da “psicometria do ambiente” e da “persistência das imagens”?

E quando se tem o outro fato dos fenômenos de “poltergeist” que prorrompem improvisadamente na oficina de marcenaria (Caso VI) depois de algum tempo após a morte de seu sobrinho e persistem por seis semanas, enquanto o proprietário da oficina não se decidia a cumprir um sacro dever que consistia na promessa feita no leito de morte do sobrinho em questão. Quando isso aconteceu, como explicar o fato do cessar imediato da assombração após o cumprimento de uma promessa feita e não mantida? Quem, então, tinha provocado os fenômenos que intimidaram o tio inadimplente, determinando que ele pagasse os débitos do irmão falecido? Por que, então, cessaram com o cumprimento da promessa? Essas duas circunstâncias de fato aparecem indissolúvelmente ligadas entre si e é por isso que não se pode explicar com hipóteses naturalísticas.

Concluindo: no presente capítulo, eu me limitei à citação de poucos episódios, que, entretanto, representam cinco grupos diversos de manifestações sobrenaturais, que convertem como ao centro, na direção da demonstração da existência indubitável de uma relação direta entre os fenômenos de assombração e as manifestações mediúnicas experimentais. Compreendo, portanto, que tal demonstração pode ser considerada provada, vale dizer, cientificamente adquirida, com as consequências teóricas que dela

derivam. E essas, como se vê, resultam a favor da interpretação espiritualista da grande maioria dos fenômenos investigados, tanto mediúnicos quanto de assombração.

Essas são as conclusões emergentes da análise comparada dos fatos. Tratando-se, portanto, de conclusões revestidas de enorme importância teórica, serei naturalmente desejoso de ouvir o parecer dos competentes, e, se for o caso, de conhecer as objeções que poderão ainda se formular contra as conclusões aqui. Quanto a esse propósito, no entanto, não será inútil recordar a quem se propusesse a satisfazer o meu desejo, que em homenagem aos métodos de investigação científica, as objeções deverão resultar de modo a envolver e compreender em si o inteiro complexo dos cinco grupos de fatos enumerados, assim como responder exhaustivamente a todas as minhas argumentações dadas nos comentários de cada caso, e nunca do habitual sistema anticientífico de optar pela crítica de um ou dois casos suscetíveis de algumas observações mais ou menos sofisticadas, para então trazer conclusões de ordem geral: ou o conhecido sistema de exercitar a própria faculdade crítica sobre algum ponto de menor resistência descoberta em alguma argumentação secundária submetida à análise, e, passando em silêncio as argumentações primárias, verdadeiramente resolutivas, contidas no estudo analisado. E isso com a intenção evidente de impressionar pela inexperiência de muitos leitores, objetivo este facilmente alcançável. Nota-se quanto a isso que aqueles que assim se comportam são conscientes do que perpetram, mas ao mesmo tempo seria injusto acusá-los de verdadeira má fé. Não se luta toda a vida – como fez Podmore – recorrendo a sistemas sustentados em uma tese equivocada se não se está profundamente convencido de estar no verdadeiro. E Podmore estava bastante convicto de que todos os fenômenos genuinamente metapsíquicos eram reduzíveis

somente à telepatia, enquanto seu moderno sucessor – o prof. Barnard – confessa sinceramente ser dominado pelo preconceito apriorístico de que toda a metapsíquica pode se explicar com a faculdade sobrenatural do subconsciente. E eis descoberta a causa pela qual ambos se encontram obrigados a se valer dos métodos reprováveis supra indicados. Apesar de poder parecer um paradoxo, dever-se-ia dizer que os críticos de tal natureza são de tal modo convencidas de estarem no verdadeiro que sua incredulidade os força a se valer de métodos pouco corretos pelo objetivo meritório de suprimir fatos e argumentos intempestivos, os quais poderiam impressionar e desviar o juízo de muitos leitores leigos, retardando desse modo o triunfo do que para eles é uma verdade incontestável. E os fins justificam os meios.

De todo modo, satisfaço-me porque se haverá intelectuais competentes da disciplina metapsíquica que terão objeções sobre o tema aqui considerado, saberão ficar longe dos sistemas de crítica partidária supra indicados, já que até um certo ponto se pode dar a desculpa e justificar quem o adote, não deixa, por isso, de resultar sistemas pouco corretos, insidiosos e anticientíficos.

